



ZERO

FLORIANÓPOLIS, JUNHO DE 2011 - CURSO DE JORNALISMO DA UFSC ANO XXVIII, NÚMERO 2

A difícil aceitação das diferenças

Morte de Bin Laden reacende debate sobre xenofobia

Preconceito contra povo islâmico é tema do ZERO

Caros leitores,

O fenômeno da islamofobia é matéria especial do ZERO de junho. A reportagem é oportuna em função do recente assassinato do líder saudita Osama Bin Laden, no Paquistão. A repercussão do fato entre as 200 famílias de migrantes e descendentes de palestinos que vivem em Santa Catarina também é tratada na reportagem. Na mesma página destaca-se a reportagem enviada pelo correspondente do ZERO na França, em que é possível perceber as tensões causadas pela proibição do uso de véu, típico da população muçulmana naquele país.

Abordamos ainda como a falta de infraestrutura esportiva tirou de Santa Catarina o posto de sede do Mundial de Handebol. A reportagem apurou que a deficiência de espaços se deve, entre outras coisas, à má gestão dos recursos públicos, como os empregados nas obras da Arena Multiuso de Canasvieiras, projetada sem pareceres técnicos que a habilitariam a comportar eventos de grande porte.

Ainda na editoria de esporte, a superação dos atletas do tênis para cadeirantes também é assunto do ZERO de junho. A modalidade, que já é praticada na Universidade Federal de Santa Catarina há 13 anos, resiste à falta de verbas e estrutura adequada, como uma quadra coberta.

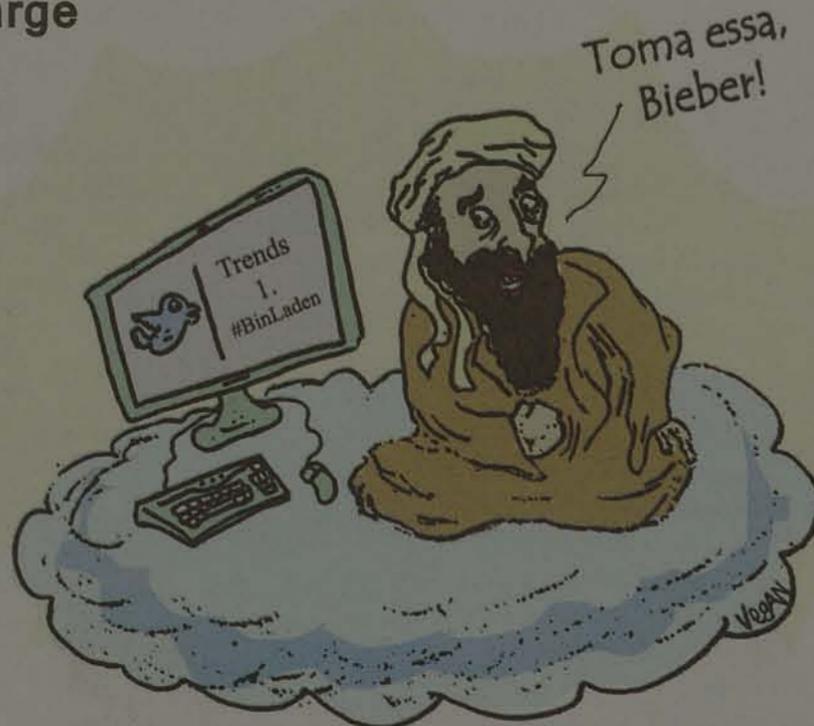
Por falar em superação, a partir do segundo semestre a UFSC receberá 32 intercambistas haitianos, assunto da página 5. Eles virão ao Brasil um ano e meio depois do terremoto que destruiu cidades inteiras e tirou a vida de mais de 200 mil pessoas. O objetivo do programa é capacitar esses jovens para que possam retornar e ajudar na reconstrução do país.

Outra questão que preocupou os brasileiros no último mês e repercutiu no ZERO é a alta do preço dos combustíveis. A reportagem investigou qual a composição do custo final da gasolina nas bombas dos postos e constatou quem são os grandes vilões do aumento.

•Não só o caro combustível brasileiro encheu o tanque da Vespa do canadense Sean Jordan, em sua volta ao mundo. Até o momento em que passou por Florianópolis, onde conversou com o ZERO, ele já havia abastecido 1400 litros. Cada quilômetro rodado vem acompanhado de muitas histórias que podem ser conferidas na página 13.

Se o Chile estivesse incluído no roteiro de Sean Jordan, uma boa sugestão seria conhecer o bar temático do jornal de esquerda The Clinic. Localizado no centro histórico de Santiago, é um espaço aberto para debates, ideal para beber com os amigos e dar boas risadas das piadas contra o governo presentes nas paredes do estabelecimento. E tem muito mais... Boa leitura!

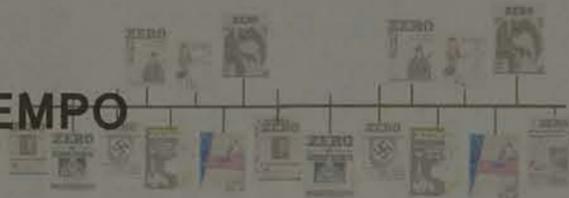
Charge



Sobre a chargista

Giovanna Chinellato é estudante da terceira fase do curso de Jornalismo da UFSC. Para entrar em contato com a autora escreva para o e-mail giovanna@chinellato.com.br.

ZERO NO TEMPO



Em dezembro de 2007, o ZERO dedicou uma edição inteira ao tema liberdade digital. Uma das reportagens tratava de um sistema produzido na UFSC que reúne softwares educativos para serem utilizados em sala de aula. O recurso foi empregado com sucesso numa escola estadual de Florianópolis.

A preocupação com o uso adequado da informática em ambientes de ensino, que aparece quatro anos atrás, é retomada pelo ZERO nesta edição. Desta vez o que inquieta os professores e os pais de alunos do Colégio de Aplicação da UFSC é dispor de equipamentos cujas potencialidades pedagógicas a instituição ainda não tem total domínio. A escola, uma das contempladas pelo Programa Um Computador por Aluno, recebeu mais de mil computadores do governo federal, que foram entregues gratuitamente para professores e alunos. Enquanto grande parte

do corpo docente ainda está sendo capacitada para melhor usufruir da ferramenta, muitos alunos que dispõem de celulares modernos navegam pelas redes sociais, bate-papos e sites de vídeos durante as aulas.

Muita coisa mudou de 2007 para cá. Computadores e smartphones estão cada vez mais funcionais, menores e acessíveis. A tendência também pode ser acompanhada na conexão à rede mundial de computadores. A banda larga vem se disseminando, com velocidade em ascensão e o preço em queda.

Se naquele momento era inimaginável pensar crianças em idade escolar de posse de um celular com acesso à Internet, hoje essa realidade é bastante corriqueira. A situação tanto pode evoluir como se agravar. O que fará a diferença não serão as máquinas, mas a forma como as pessoas lidam com elas.

ZERO

JORNAL LABORATÓRIO ZERO

Ano XXIX - Nº 2 - Junho de 2011

Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

Fechamento: 07 de junho

Curso de Jornalismo - CCE - UFSC - Trindade

Florianópolis - CEP 88040-900

Tel. (48) 3721-6599/ 3721-9490

REDAÇÃO Agatha Morigi, Alécio Clemente, Diego Cardoso, Dirk Ruhland, Gabriella Bridi, Isis Dassow, Jéssica Camargo, Lais Mezzari, Laryssa D'Alama, Luanna Hedler, Nayara D'Alama, Murilo Bonfim (correspondente), Titany Rodio, Ursula Dias

EDIÇÃO Alécio Clemente, Camilla Collato, Darilson Barbosa, Diego Cardoso, Gabriella Bridi, Jéssica Camargo, Juliana Geller, Laryssa D'Alama, Luanna Hedler, Nayara D'Alama, Vinicius Schmidt

FOTOGRAFIA Agatha Morigi, Diego Cardoso, Dirk Ruhland, Gabriella Bridi, Giovanna Chinellato, Guilherme Lopes Souza, Lais Mezzari, Nayara D'Alama, Rodolfo Conceição

FOTOGRAFIA DE CAPA Rafael Canoba
EDITORIAÇÃO Camilla Collato, Darilson Barbosa, Diego Cardoso, Jéssica Camargo, Lais Mezzari, Laryssa D'Alama, Luanna Hedler, Nayara D'Alama, Vinicius Schmidt

INFOGRAFIA Mariana Chiré
ILUSTRAÇÃO Tais Massaro

PROFESSOR-COORDENADOR Jorge Kanahide Ijulim MTB/SP 14.543

MONITORIA Verônica Lemus, Wesley Klimpel
IMPRESSÃO Diário Catarinense

CIRCULAÇÃO Nacional

TIRAGEM 5.000 exemplares.



Melhor Peça Gráfica I, II, III, IV, V e XI Set
Universitário / PUC-RS (1988, 89, 90, 91, 92 e 98)

Melhor Jornal-Laboratório no I Prêmio Foca

Sindicato dos Jornalistas de SC 2000

3º melhor Jornal-Laboratório do Brasil

EXPOCCM 1994



Manezinho irreverente

Personagem criado para caricaturar nativo da Ilha conquista audiência em shows e programas de rádio

Fotos: Giovana Chinellato

Moriel Adriano da Costa, "Muruca para a rapaziada boa do surf", é compositor e músico da banda Dazaranha. Sediada em Florianópolis, a banda é formada por sete pessoas e toca *reggae* e *rock* aliado a cultura local. Em entrevista ao ZERO, Moriel fala sobre seu outro trabalho, o personagem Darci. Um "manezinho" que ganhou vida no programete diário *As aventuras do Darci*, veiculado pela rádio Atlântida. O humorista também faz apresentações de *stand up comedy* em eventos, festas particulares, bares e pubs. Moriel é natural de Florianópolis e afirma que sua vida é laboratório para compor o personagem. Ingenuidade, inocência e irreverência são algumas das características de Darci.

Como surgiu o personagem Darci?

O Darci surgiu da minha vivência em Florianópolis. Quando eu ia com minha mãe visitar meu avô na Costa da Lagoa, percebia que lá as pessoas falavam bem diferente do resto da cidade. Na época, as pessoas ficavam isoladas da região central, em um lugar onde não tinha energia, a atividade era pesqueira e agrícola. O comportamento indígena e açoriano estava no jeito de socializar, no jeito de falar e isso me atraía. Com quinze anos, era moleque, comecei a imitar o povo da Costa para as minhas tias. Todo mundo sabia que eu imitava os manezinhos.

Na banda Dazaranha, eu sou compositor, minha área é criar coisas, então transferei o potencial de criação para o humor. Como não se ri de qualquer coisa, realmente precisa ser criativo, encontrar uma mecânica de humor que surpreenda as pessoas. Nada pior que tratar de arte quando o público já sabe o que vai acontecer. Não é arte, passa a ser artifício. A arte de fato te tira do chão, tem que deixar de boca aberta. Esse foi o norteador do personagem. Alguma coisa nova, diferente, que ninguém tinha feito antes. Personagem inocente, ingênuo.

Por que características como essas atraem o público, que não é formado apenas pelos nascidos na Ilha?

O personagem Darci nasceu no momento em que a população da ilha se sentia dividida, entre nativos moradores e moradores vindos de outras regiões. Um momento de choque cultural. Da mesma forma que eu que sou daqui quero me manter com as minhas origens, quem chega aqui também quer se identificar. Acho que se encantar com o lugar tem a ver com as pessoas e desencantar também. O Darci faz a associação do antigo com o novo. Faz a associação de forma desastrosa. Ele acha que está arrebatando. Todo mundo sabe que vai dar m... o Darci e o amigo em uma *rave*, tá na cara que vai dar. Imagina dois manés na *rave*. Apesar disso, ele não se encolhe, ele avança, pois quer ver o diferente.

É um pouco da falta de cultura associada a tudo que ele é de cultura.

Como o Darci foi parar na rádio Atlântida?

O George Fortunato é o financeiro das rádios do grupo RBS e me propôs para conversarmos sobre um possível programete, por que a rádio Atlântida estava tentando se desestigmatizar, não queria mais levar o a imagem de ser uma rádio gaúcha. Precisava associar a programação a coisas que falassem da ilha. Com a nova proposta, o Guga Arruda começou a fazer o programa "Mais Floripa" e eu comecei o programete "As aventuras do Darci". Era um experimento. De repente, a rádio começou a ter um *feedback* do tipo: "eu não ouço essa rádio, mas sintonizo para ouvir um manezinho". O Darci começou a dar cinco, sete mil acessos por dia. Por uma veia chamada youtube, que acabou sendo o viral mais importante, mais expressivo da rádio Atlântida, os acessos multiplicaram. Hoje, passam de dois milhões os acessos ao Darci. O legal é ver que as pessoas precisam se identificar mesmo e o humor é um grande caminho para a identificação.

Quais as principais diferenças entre fazer o personagem manezinho na rádio Atlântida com o quadro Aventuras do Darci e o stand up que você realiza em bares e pubs?

Eu vejo que na radiofonia, a interpretação da voz acontece depois de ter sido elaborado um texto, que faz parte da criação, então, você vai gravar e também tem a condição de editar, ou seja, não tem o improviso, você consegue deixar exatamente do jeito que se quer. Claro que tem os momentos que não dá para entender o que o Darci fala, mas não é para entender mesmo. Agora, encarar o público é diferente. Por que pra mim, que toco no Dazaranha, mesmo com a experiência de tocar em cidades onde o show é o principal evento, algo muito esperado, mesmo acompanhando a banda que já tocou pra muita gente, no stand up é bem diferente. Com o pessoal da Dazaranha você tem uma estrutura, o som, a luz, o palco e no stand up é só você com o microfone na mão. É imitar um manezinho. Se você não for muito carudo, não chegar junto e não estiver bem afiado nada acontece.

Quem apoia você financeiramente nas apresentações em bares e pubs?

Sou eu mesmo. Entre conseguir apoio e patrocinadores para construir um projeto e fazer para depois oferecer a ideia, achei melhor a segunda opção. Acho que quando já existe uma ideia que funciona é mais fácil conseguir apoio. "Você quer associar sua marca a esse projeto? Quero." Além do mais, fica a meu critério, pois o dia que eu não faço stand up é muito bom para mim também. Posso me dedicar a outras coisas.

Qual o diferencial do Darci em relação a outros personagens conhecidos do humor? O que você faz de diferente?

Não vou dizer que é por que eu tenho potencial, ou que sou engraçado e estou preparado para isso. Não por que eu nunca fui engraçado e não sei onde vai parar. O que eu percebi é que cresce e que eu não preciso fazer o Darci todo dia, preciso fazer apenas três vezes na semana, mas com estrutura, com um cenário, em teatros. Quero ir para a área mais artística, sair do pub, sair do bar. A diferença entre bar e teatro é que o primeiro permite o combate com o público, e o segundo, proporciona a proteção do palco.

Quais são os planos para o Darci?

O Darci vai ter uma coluna no jornal Hora, do grupo RBS, é um teste para entrar no Diário Catarinense. Os meios de comunicação entendem como classe A, B, C e D, então tem rádio que é mais para o povão e rádio que é mais elite, como acontece com os jornais. No caso, aqui, são os segmentos da primeira e segunda divisão, por isso vou entrar com a coluna do Darci primeiro no Hora. Outra participação importante é a que vou fazer com o Diogo Portugal, no Senta pra rir. Ele me convidou para participar dos quinze primeiros minutos. Vou pegar o filé, tenho que fazer uma performance incrível. Artisticamente arrasar.

Úrsula Dias
ursuladiaz21@gmail.com



ENTREVISTA

Fazendo rir
"Precisa de uma mecânica de humor que surpreenda as pessoas. Nada pior que tratar de arte quando o público já sabe o que vai acontecer."



EDUCAÇÃO

Parque incentiva ciências

Iniciada a sondagem para construir primeiro prédio na Baía Sul

O estado de Santa Catarina, ao contrário de seus vizinhos Paraná e Rio Grande do Sul, ainda não tem um museu de ciências. Mas existe um embrião se desenvolvendo dentro do campus Trindade da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A ideia é antiga e o trabalho de construção vem sendo feito ininterruptamente. Iniciativas que não parecem diretamente ligadas ao projeto já foram tomadas e constituem seus pilares. As mais antigas delas são os Laboratório de Instrumentação, Divulgação e Experimentação em Física (Labidex) e em Química (Quimidex). Ambos recebem estudantes do ensino fundamental, médio e superior. Outro projeto é o *Baú de Ciências*, do Departamento de Física, que promove experiências para alunos do ensino fundamental. O planetário e o observatório astronômico complementam as ações na área da astronomia.

A distância e falta de integração dos espaços dificulta as visitas e o aproveitamento dos alunos. Assim a proposta de implantar um parque que abrigue um museu de diversas áreas do conhecimento se concretiza através do projeto Parque Viva a Ciência, apoiado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT) através do Departamento de Popularização e Difusão de Ciência e Tecnologia (DEPDI). No aterro da Baía Sul, próximo ao terminal desativado do Saco dos Limões, será construída uma grande estrutura com pavilhão de exposições, um novo planetário, local para a realização de oficinas experimentais para estudantes, ambiente para cursos de formação continuada para professores das redes de ensino pública e privada e, ainda, espaços para a prática de esportes (ver ilustração acima). Em área aberta serão instalados os equipamentos que atualmente estão ao lado do planetário do campus Trindade.

Um pouco de história

Em 2006 foi criada a Associação Parque Viva a Ciência, uma instituição sem fins lucrativos com o objetivo de articular pessoas e captar recursos. Por meio dessa associação a proposta é apresentada a diversos órgãos do governo e empresas da iniciativa privada.

Dois anos depois, 2008, o parque

foi inaugurado com oito brinquedos educativos montados ao ar livre ao lado do planetário, no campus da Trindade. Desde então, os visitantes podem conversar com um colega a uma boa distância sem ajuda de qualquer parafernália eletrônica, pedalar em uma bicicleta suspensa em uma corda bamba, ouvir a própria voz com alguns segundos de atraso ou se balançar numa gangorra aparentemente desequilibrada. Eles se divertem enquanto aprendem orientados pelos bolsistas mediadores que conduzem a visita.

Em 2010, o reitor Álvaro Prata assinou um contrato com a Superintendência do Patrimônio da União em Santa Catarina de cessão de uso gratuito do terreno localizado no bairro Saco dos Limões, de propriedade da Marinha. O contrato define duas áreas no aterro da Baía Sul, uma de aproximadamente 21 mil m² e outra de 29 mil m², num total de pouco mais de 50 mil m². A UFSC reivindica mais uma área, no mesmo local, com aproximadamente 15 mil m².

Para que serve um museu?

Quando uma pessoa vai a um museu que tem como objetivo popularizar a ciência, ela não espera ter aulas de história, geografia, física ou química. O visitante, guiado unicamente por sua curiosidade, busca interagir com o que lhe chame atenção.

A criança ou adulto que vive esta experiência entra em contato com conceitos complexos e, muitas vezes, não possui o conhecimento específico para explicar este ou aquele fenômeno. Esta necessidade de uma resposta pode despertar seu interesse pela ciência. No caso dos alunos, os professores podem utilizar as visitas ao museu para retomar os temas em sala de aula e introduzir o conhecimento formal. Despertar o interesse dos estudantes traz boas perspectivas para a sociedade a médio e longo prazo, pois orienta os alunos para áreas científico-tecnológicas.

O projeto do novo parque

A iniciativa prevê a construção de um Centro de Divulgação Científica, com espaços para exposições permanentes e temporárias, com instalações e equipamentos de áreas como Antropologia, Biologia, Engenharia, História, Física, Matemática e Química. O centro também deve abrigar uma biblioteca, auditório, salas de aula e laboratórios. O projeto

inclui a implantação, no mesmo terreno, de pistas para caminhadas, ciclovia, praça de esportes, parque infantil, lanchonete, restaurante e estacionamento. Um novo planetário com equipamento de projeção digital e com capacidade para atender 200 pessoas, o dobro do atual, também será construído.

A área de lazer deverá ser aberta ao público, para que a comunidade tenha livre acesso, assim como é o parque no bairro de Coqueiros, mas as áreas internas serão administradas e haverá cobrança de ingresso para custear o pagamento dos funcionários.

O professor Nelson Canzian do Departamento de Física, um dos coordenadores do projeto, mostra que, apesar das instalações estarem longe das condições idealizadas, ocorrem 15 mil visitas por ano. Canzian estima que seja necessário um investimento superior a R\$10 milhões. Dois aportes, um de R\$100 mil e outro de R\$600 mil já foram realizados pelo CNPq e Finep. O MCT já liberou uma verba de R\$ 2,1 milhões para a construção no aterro da Baía Sul. O complemento ainda depende de previsão no orçamento da união, através de emenda de bancada proposta por deputados federais. "A esperança é que os nossos representantes do Congresso Nacional se convençam da necessidade e utilidade do parque para a comunidade e apresentem logo suas propostas", espera Canzian. Além dos representantes em Brasília, o professor busca engajar colegas de outras áreas: "Na medida em que obtemos realizações, o projeto ganha credibilidade e novos parceiros aderem à proposta", completa.

Não é fácil criar e construir este complexo de lazer e ciências, mas o parque trará grandes novidades. Uma delas podemos adiantar. Está sendo construída uma maquete do relevo do estado de Santa Catarina em uma área em torno de 100 m². Além de observar, o visitante poderá caminhar sobre ela. Apesar de ser difícil prever datas, tudo indica que está próximo o dia em que teremos o parque de ciências de portas abertas. Em novembro deste ano uma comissão do MCT virá avaliar o andamento do projeto.

CANZIAN

"A esperança é que nossos deputados se convençam da necessidade do parque"

Rodolfo Conceição



Alécio Clemente
alecioclemente@gmail.com

O Haiti é aqui

Intercambistas de ilha caribenha chegam em julho para seguir estudos de graduação

No segundo semestre deste ano, rostos novos vão começar a circular pelo campus da UFSC – e não são calouros. No próximo mês, 32 estudantes haitianos desembarcam na capital catarinense, onde terão a oportunidade de seguir seus estudos, prejudicados pelo terremoto de janeiro de 2010. Os alunos já deveriam ter chegado ano passado ao Brasil, mas problemas burocráticos impediram agilidade no processo.

Quase um ano e meio após o desastre natural que devastou cidades inteiras e matou mais de 200 mil pessoas, o Haiti ainda encara os desafios da reconstrução. Diferente do Japão, que poucos dias depois do abalo sísmico de março deste ano já tinha estradas refeitas, o país mais pobre das Américas precisa de ajuda internacional em massa para se reerguer. Foi nesse contexto que, em abril de 2010, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal e Nível Superior (Capes) lançou o Programa Emergencial Pró-Haiti em Educação Superior, pelo qual pretende ajudar na reestruturação das instituições de lá e permitir que estudantes prossigam seus estudos aqui.

Apesar de seu caráter emergencial, apenas quatro universidades federais brasileiras aderiram à proposta que, inicialmente, previa 500 bolsas de estudo. Os alunos deveriam ter vindo no segundo semestre de 2010, mas a falta de dados que comprovassem a escolaridade deles impediu agilidade nos trâmites. “Muitos perderam seus documentos no terremoto, e sem isso não há como ter segurança sobre o curso e a fase que eles estão aptos para acompanhar aqui”,

explica o professor Ênio Luiz Pedrotti, secretário de Relações Internacionais da UFSC.

Nos primeiros seis meses os haitianos terão somente aulas para aprender português, pois os idiomas oficiais da ilha caribenha são o francês e o crioulo. No total, os intercambistas devem ficar 18 meses no país: meio ano para o aprendizado da língua local e um ano para as graduações, sem poderem terminar seus cursos no Brasil. Um dos motivos dessa exigência da Capes é para que não haja ‘fuga de cérebros’, já que o objetivo é formar profissionais que colaborem com o reerguimento de sua nação.

A Secretaria de Relações Internacionais (Sinter) se preocupa em integrar os estrangeiros com os brasileiros. Os selecionados devem ficar separados, inclusive em turmas de um mesmo curso, para que interajam com outros estudantes e não haja segregação. Assim como ocorre com outros intercâmbios, alunos da UFSC podem se candidatar para ser ‘padrinhos’ dos haitianos, o que implica em ajudar na adaptação e apresentar os ambientes da universidade, como o restaurante e a biblioteca central. Além disso, espera-se que os estrangeiros comecem a frequentar os departamentos e laboratórios de seus cursos já no primeiro semestre, para se familiarizarem com seu futuro ambiente de estudo. “A universidade vai mostrar se é aberta e acolhedora ou se é elitista”, comenta Pedrotti.

Dispostos a ajudar

Uma grande – e importante – preocupação é como esses alunos vão conseguir se manter no Brasil, já que o auxílio mensal que irão receber é de R\$ 500. Eles poderão almoçar e jantar de graça no restaurante universitário (RU), mas as refeições de fins de semana e despesas com habitação ficam por conta própria. Taís Prates, assistente do professor Pedrotti e responsável por ajudar a encontrar moradia para intercambistas, preocupa-se: “As famílias que temos cadastradas para receber estudantes de fora cobram R\$ 1000 mensais. Não há como esses bolsistas pagarem por isso.” A funcionária diz que pensa na possibilidade de os haitianos se juntarem para dividir o aluguel de apartamentos para tentar reduzir os custos, e faz um apelo: “Quem tiver condições de abrigar um desses alunos gratuitamente, pode se apresentar no Sinter”.

Assim que o programa foi lançado, houve quem se prontificasse para prestar ajuda. Luiz Gonzaga Galvão, 62, economista aposentado, se propõe a colaborar. “Conheço muita gente na cidade. Podemos tentar junto à Câmara dos Vereadores e a Prefeitura dispensar o pagamento do ônibus para que eles possam conhecer nossa Ilha nos fins de semana, além da isenção de entrada para atividades culturais. Com R\$ 500 não vai dar, eles vão passar necessidades, não vão sobreviver aqui.”, conclui Galvão.

O professor aposentado de Estudo de Problemas Brasileiros da UFSC é engajado em várias causas voluntárias e se define como “um cidadão do mundo, um manezinho que batalha pelo desenvolvimento e pela qualidade de vida.” Ele conta que há alguns anos



tentou ajudar um jovem do Haiti que estava na capital catarinense e queria estudar Medicina na federal. O estrangeiro não pôde entrar no curso e foi embora. “Ele me pediu ajuda e eu não pude fazer nada por ele, me sinto impotente”, se emociona. “Não sei se ele está vivo, se sobreviveu ao terremoto, se hoje é médico... Eu não consigo mais encontrá-lo”, desabafa Galvão.

Outra pessoa que se ofereceu para ajudar os haitianos é o seu compatriota, frei Pierre Júnior Jentil, 30, missionário da igreja católica. O jovem estuda teologia em Florianópolis e lembra que é difícil chegar pela primeira vez em outro país. “Sei que é complicado, por isso se eles tiverem algum problema com comunicação, eu me disponho a ajudar.”

Solidariedade não tem fronteiras

O Brasil não é o único país a auxiliar na reconstrução do Haiti. Após o desastre natural, várias nações enviaram ajuda financeira e humanitária. Também não é de hoje que oferecemos ajuda à ilha caribenha, mesmo antes do terremoto de 2010, o governo já mantinha Forças de Paz atuando no país. Ato de solidariedade como esse também trazem benefícios para quem presta o socorro.

De acordo com a doutora Karine de Souza Silva, coordenadora do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais da UFSC, os países têm interesses internos e externos que podem ser supridos com a oferta de auxílio internacional. O Brasil, por exemplo, pleiteia um assento permanente no Conselho de Segurança das Nações Unidas (ONU). “A atuação positiva pode nos favorecer, já que ficamos entre grandes potências na discussão de paz e segurança, temas importantes para as relações internacionais”, explica. O envio de soldados também é uma maneira de treinar as forças armadas brasileiras.

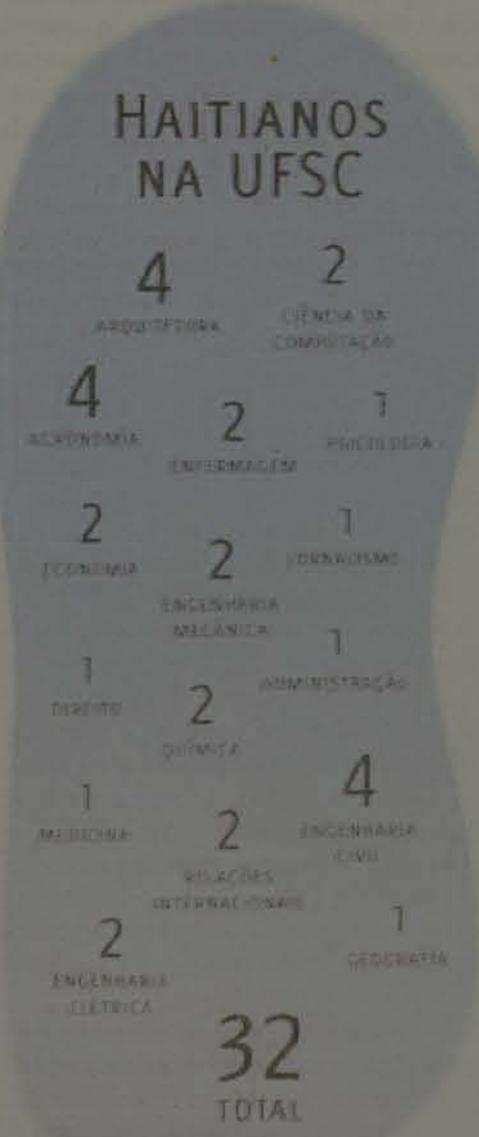
A professora esteve no Haiti entre o final de março e o começo de abril para participar de uma missão de reconhecimento da operação de manutenção da paz MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti), que atua desde 2004 e tem o Brasil como líder militar. “A situação é bem melhor que a do ano passado, mas há muito ainda por fazer. Na medida do possível, tudo está sendo reconstruído”. Mais de um ano após a tragédia, 800 mil desabrigados vivem em acampamentos, sem boas condições de saúde. Além de problemas como surto de cólera, ainda há índices altos de violência e fome.

Karine analisa a recepção dos intercambistas como uma parceria bem construída e frutífera. “Educação é fundamental, se eles não podem seguir seus estudos lá, que tenham a chance de estudar aqui. Solidariedade não tem fronteiras”.

Nayara D’Alama
naydalama@gmail.com
Ilustrações: Taís Massaro

EDUCAÇÃO

Preocupação
Estudantes terão apenas R\$ 500 mensais para se manter no Brasil



PROFISSÕES DA RECONSTRUÇÃO
16 cursos oferecem vagas para capacitar jovens que irão ajudar a reerguer o país

Verônica Lemus



Pedagogia desconectada

Netbooks na sala de aula divertem alunos e desafiam professores

A pequena quadra de esportes do Colégio de Aplicação da UFSC (CA), ponto de encontro da turma do futebol com latinhas de refrigerante, costumava ser um dos locais mais disputados na hora do intervalo. Hoje, o espaço nem é tão desejado pelos alunos, que agora divertem-se com conversas em redes sociais e troca de *links* com vídeos engraçados. O motivo da mudança são os *netbooks* distribuídos pela escola no início deste ano para uso em sala de aula. Enquanto os estudantes divertem-se no recreio com os novos “brinquedinhos”, os professores pensam em maneiras de usar essas novas tecnologias para fins educacionais.

Os computadores distribuídos na escola fazem parte do PROUCA, o Programa Um Computador por Aluno. O PROUCA foi criado em 2005 para melhorar a situação tecnológica da educação básica e proporcionar inclusão digital por meio da distribuição gratuita de netbook nas escolas públicas brasileiras. Desde o ano passado, 300 colégios participam de uma fase preliminar do projeto - entre eles, o Colégio de Aplicação, que recebeu 1082 computadores, entregues para professores e alunos do ensino fundamental e médio.

O “uquinha”, nome dado carinhosamente pelos estudantes aos *netbooks*, chegou no início deste ano para todas as turmas, mas ainda não consegue atender às expectativas dos jovens do CA. O aluno Mateus Ebenriter, por exemplo, quis instalar um programa para editar vídeos, mas não conseguiu até agora. “A máquina é bem simples, possui uma capacidade limitada. A gente usa mais pra acessar a internet mesmo. Quem quer fazer algo diferente, não consegue”, avalia Mateus, que usa mais o celular e o computador de casa para fazer trabalhos escolares. “Prefiro trabalhar no computador de casa - é mais rápido. Pra ler *slides* do Powerpoint, uso meu celular”, explica o jovem, enquanto mostra a apresentação exibida na última aula de Sociologia.

Dar suporte às disciplinas oferecidas no ensino básico é um dos principais motivos para a distribuição dos computadores. Segundo a professora Edla Maria Faust Ramos, coordenadora do proje-

to em Santa Catarina, há um grande esforço das instituições de ensino para que o projeto dê certo. “Estamos numa fase piloto. Uma das grandes dificuldades para a aplicação é determinar a dinâmica do dia a dia desses *netbooks* na sala de aula.” Edla acredita que a presença dos computadores em sala de aula pode trazer benefícios para o estudante - por isso a insistência no aperfeiçoamento do projeto. “Além dos laptops, o Projeto prevê o investimento em infraestrutura, o financiamento de pesquisas pelo CNPq, a expansão das redes... Queremos proporcionar uma imersão desses jovens nas novas tecnologias.”

A “imersão” de boa parte dos alunos não ocorre do jeito que os coordenadores do projeto gostariam. Com a internet aberta para acessar as redes sociais e *sites* de vídeos, o foco de algumas aulas tornou-se o bate-papo no Facebook para alguns estudantes. “Não acredito que façam isso por maldade. Para eles é irresistível - não há censura. Eu poderia mandar o aluno fechar o computador, mas é melhor eu chamar a atenção, alertar sobre os cuidados na internet...”, diz o professor de geografia do CA, José Carlos da Silveira. Para ele, esse tipo de orientação é importante, mas o processo de ensino e aprendizagem não pode se perder. “A escola deve continuar sendo espaço para análise, debate e escrita. O “uquinha” deve ter relação com a escola. Ele pode estar ali, mas com um significado e cercado de alguns cuidados.”

A falta de uso pedagógico do “uquinha” também preocupa alguns pais de alunos. Para Adriano Ebenriter, pai de Mateus, os professores precisam preparar-se melhor para a entrada dos computadores na escola. A falta de planejamento na utilização dos *netbooks* gera desperdício de tempo, aprendizado e dinheiro público. “Para mim é um projeto mal gerenciado. Afinal, essa é uma tecnologia que existe há tanto tempo, né? Isso me parece história pra inglês ver, só para fazer número e aparecer em propaganda do governo.”

Mesmo com algumas críticas, a equipe do Colégio de Aplicação acredita na capacidade dos “uquinhas” para incrementar o processo de ensi-

no e aprendizagem, se forem tomados alguns cuidados. Romeu Augusto Bezerra, diretor do CA, admite os problemas na implementação, mas apóia o uso dos *netbooks* na sala de aula. “O computador ajuda, sim! Na hora que o aluno tiver o controle, quando ele se apropriar devidamente dessa possibilidade de conhecimento, terá uma melhor aprendizagem.” Além do bom senso dos alunos, a internet do CA bloqueia sites com conteúdo considerado impróprio - pornografia, por exemplo. “O Ministério [da Educação] exige que o projeto UCA tenha uma rede própria. E também devemos considerar que o controle de acesso vem de casa, da família, para qualquer conteúdo.”

Capacitação

Enquanto os alunos divertem-se online no recreio e usam o “uquinha” com facilidade, alguns professores ainda têm dificuldades no uso básico da tecnologia. Antes de uma das capacitações sobre o PROUCA, alguns docentes se reúnem para trocar ideias sobre o novo computador. Alguns deles abrem o *netbook* pela primeira vez, outros manejam o computador com facilidade, e uns poucos brigam para conseguir conectar à rede do UCA. “Como eu faço pra entrar na internet?”, pergunta uma delas. “Alguém pode me ajudar aqui?”

O objetivo deste tipo de oficina é estimular os professores a explorar mais o “uquinha” em sala de aula. Em Santa Catarina, uma equipe fornecerá, até o final do ano, capacitação para todas as dez escolas catarinenses que participam do projeto. “A formação faz parte da implementação do PROUCA. Queremos estimular os professores a desenvolverem nos alunos a competência na linguagem tecnológica e nas textualidades midiáticas. Para isso, temos que criar um *link* bem articulado entre a reflexão teórico-pedagógica e a prática”, defende a professora Edla Ramos.

O tema da capacitação naquele dia era o uso e as possibilidades multimídia do netbook na sala de aula. A palestrante Heloísa Schumacher Correa mostrou alguns resultados da dissertação do mestrado em educação defendida por ela: grande

Brinquedo
Alguns jovens
passam o
recreio inteiro
navegando em
redes sociais

parte dos alunos do Aplicação utilizavam computadores para assistir vídeos e usar sites de relacionamentos. A discussão sobre o uso de "novas textualidades", porém, desencadeou um debate sobre a utilidade do computador. "Já vi alunos usando o 'uquinho' pra conversar entre eles, no meio da aula!", diz uma professora. "Mesmo quando não são autorizados, eles usam. Não tem mais como segurar!", diz outra. Depois de algumas discussões mais acaloradas e trocas de experiências com o computador, Heloísa conseguiu chegar num meio termo: é preciso didatizar esse instrumento, problematizar o uso e as possibilidades que ele cria para os alunos. Afinal, como diz a palestrante, "se usarmos o computador só pra escrever, vira curso de datilografia!".

Para alguns professores do Colégio de Aplicação, a tal "máquina de escrever digital" mostrou ser uma boa ferramenta educacional. É o caso da professora de inglês Maristela Campos, que incentiva os alunos de 5ª a 8ª séries a usar o "uquinho". Com o *netbook*, os estudantes podem assistir vídeos legendados, traduzir e interpretar as letras das músicas de acordo com o que mostram as imagens. Além disso, Maristela leva para a sala de aula jogos online feitos para o ensino da língua inglesa. "Não podemos ficar distantes desse mundo tecnológico. Devemos nos aproximar dele, junto com os alunos! Grande parte desses jovens é alfabetizada nesses novos suportes, mas nós estamos dando acesso à todos os alunos." Segundo a professora, alguns colegas têm certa resistência para usar o computador com as turmas. "Alguns têm medo de perder contato com a realidade, de pensarmos só no virtual. Essa discussão é importante, mas temos que aproveitar essa oportunidade!"

A falta de "mundo real" no cotidiano das crianças é uma questão problematizada por um dos principais defensores brasileiros da sala de aula sem computadores: Valdemar Setzer, professor aposentado pela USP e pesquisador. Para ele, a presença destas novas tecnologias atrapalha o desenvolvimento dos estudantes. "O brincar infantil,

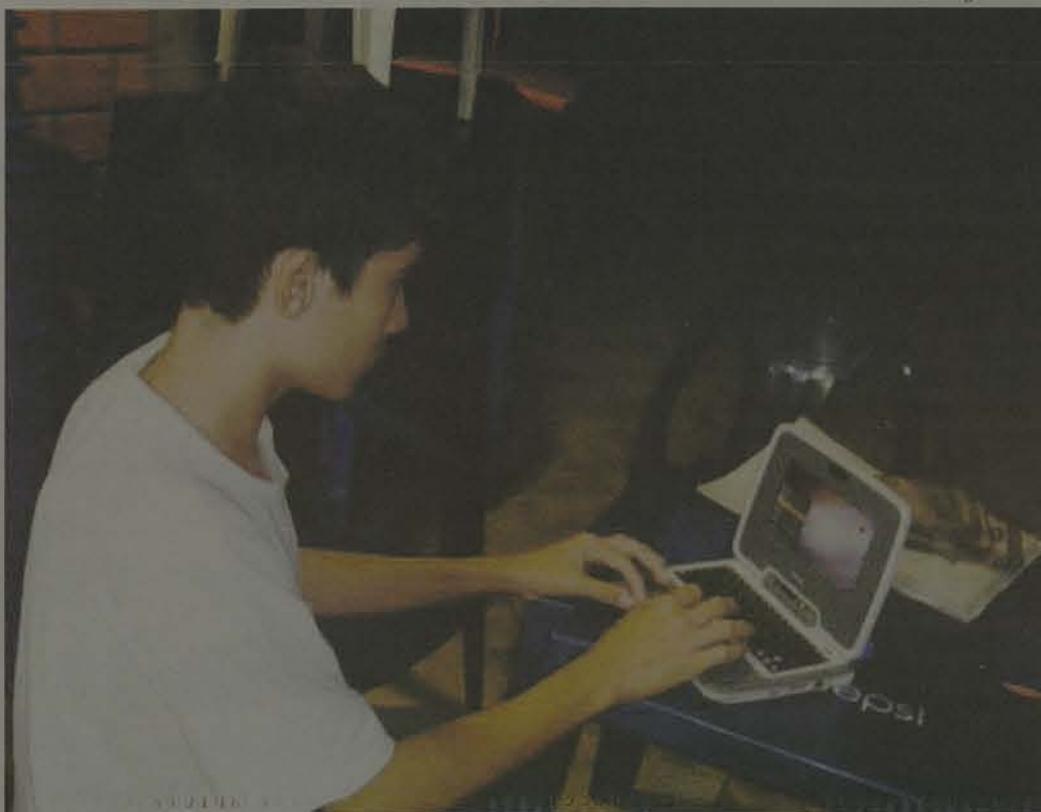
atividades sadias na adolescência como a leitura e a sociabilização real, não a virtual, são absolutamente essenciais para se ter mais tarde adultos criativos, sociáveis, com compaixão e que tenham força de vontade e coragem para enfrentar as adversidades que certamente irão ocorrer em suas vidas." Além dos problemas na formação, Setzer acredita que o excesso de tecnologia atrapalha o trabalho dos professores, já que manter a atenção dos alunos no conteúdo da disciplina tornou-se um desafio - principalmente agora, com a presença do "uquinho". Antes mesmo da chegada do computador, alguns estudantes atualizavam perfis no Facebook e assistiam vídeos no Youtube, em alguns momentos durante a aula - tudo isto com um celular, *netbook* ou outro tipo de dispositivo móvel. "É uma tragédia que um aparelho possa atrair mais um aluno do que uma pessoa."

Além da dispersão dos alunos, uma navegação sem cuidados ou supervisão na internet pode gerar problemas mais graves. Os jovens podem ser vítimas de fraudes, exposição indevida ou até assédio. Para o professor Valdemar Setzer, deixar o estudante "andar com as próprias pernas" nem sempre leva ao melhor caminho. "Em primeiro lugar, esse andar deve ser adequado para a idade. Por exemplo: uma criança pequena pode ter a liberdade de escolher com qual brinquedo quer brincar, dentre os jogos sadios e apropriados para sua idade e cultura, colocados a disposição por pais e professores. Essa individualização em relação a cada criança não existe nos meios eletrônicos, pois eles são dirigidos a uma massa, para milhões de pessoas." O uso desorientado dos *netbooks*, para ele, reforça a ideia de computador-brinquedo. "Dê-se, por exemplo, um computador para uma criança ou adolescente. O que eles vão fazer com ele? Ora bolas, vão brincar e se divertir, e isso é absolutamente normal."

Diego Cardoso
diego.kardoso@gmail.com

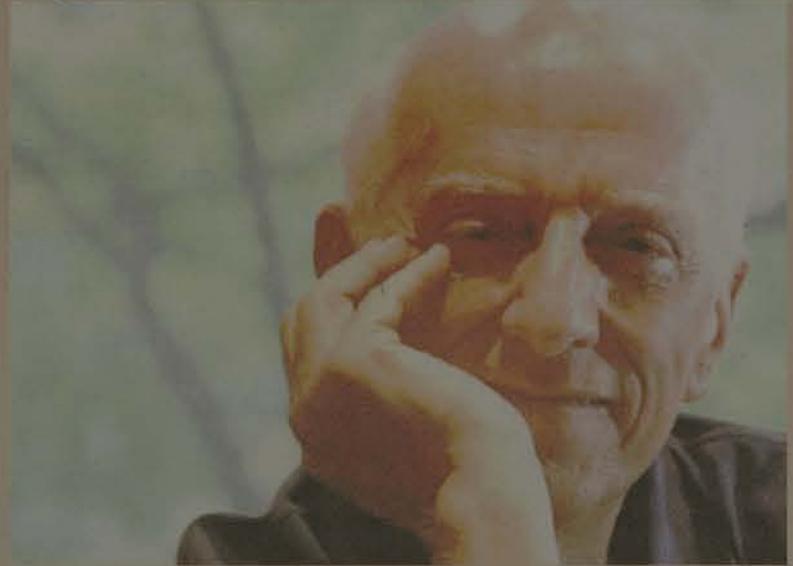
LIMITADO

Mateus gostaria de editar vídeos no "uquinho", mas prefere usar o computador de casa



Diego Cardoso

Divulgação



"Tecnologia é panela"

Para o mineiro Rubem Alves, a "informatização" das escolas não deve esquecer de um ator fundamental no processo de ensino e aprendizagem: o professor. Em entrevista ao ZERO, o educador fala sobre a importância do pensar na sala de aula, independente do uso das tecnologias.

ZERO: Neste ano, algumas escolas de Santa Catarina começaram a distribuir notebooks para os alunos. Os computadores podem ser usados dentro da sala de aula. O sr. acredita que esta ferramenta traz vantagens para o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes?

Rubem Alves: As tecnologias, em si mesmas, são como qualquer objeto tecnológico: como um canivete, um serrote, um martelo, um bisturi... Tudo depende de como elas vão ser usadas. E nesse sentido há a importância enorme do professor, porque ele vai mostrar os caminhos. Vou usar a seguinte imagem: não basta você ter panela boa pra ter comida boa. Tecnologia é panela. Você precisa ter um grande cozinheiro, ele é quem faz a comida boa. A mesma coisa com as tecnologias. Os artefatos tecnológicos em si podem nos tornar mais imbecis, mais incapazes de pensar. Você pensa que, apertando um botão, vai conseguir alguma coisa. Você pode usar um canivete para matar ou para descascar laranja. O ponto nevrálgico de todos estes programas é a inteligência e o desejo do professor. Ele é quem vai reger a orquestra, entende? Não basta você ter os instrumentos. Ter os instrumentos não vai fazer música bonita.

Z: Muitos consideram que há déficit de tecnologia nas escolas. O sr. acha que isto pode ser considerado um dos grandes problemas da educação brasileira? Deve ser prioridade?

RA: Eu acho que existem outras prioridades, sabe? A questão fundamental da educação não é ter mais computadores. Quais são as questões que se propõe aos alunos? Existe até uma expressão que eu acho detestável, os professores falam essa expressão sem prestar atenção, que é "Grade Curricular". Essa expressão revela toda uma filosofia de que os conhecimentos vem todos eles engradados. Mas isso é de uma estupidez imensa. A questão fundamental, para mim, é a filosofia da educação. O que se pretende com a educação? Não é usar computador - é aprender a pensar. Se toda tecnologia não for usada pra ajudar a pensar... Se você pensa bem, você usa bem os artefatos tecnológicos.

Z: Alguns defensores das novas tecnologias na escola acreditam que estamos diante de um novo paradigma educacional, pelo qual o estudante "anda com as próprias pernas" e busca o conhecimento desejado nos infinitos bancos de dados na internet. Como o Sr. analisa este ponto de vista?

RA: Os alunos devem ter noção do que é que eles desejam. Imagine que você vai fazer uma comida: enquanto você não tiver ideia do que quer fazer, que comida quer fazer, tudo que for procurar estará errado, porque você não sabe o que o aluno deseja. E nós temos um defeito muito grave nos nossos currículos: pressupõe-se que todos os alunos são iguais, que todos eles vão aprender no mesmo tempo, na mesma velocidade, as mesmas coisas... Isso não é a verdade dos alunos. Cada aluno tem um desejo diferente - e as nossas "grades curriculares" não contemplam essa diferença.

O outro, esse diferente

Representantes da colônia árabe de Florianópolis falam sobre a morte de Osama Bin Laden, Islamismo e preconceitos



AP Photo - 11/05/2011/0798

o de 11 de setembro e a morte do saudita Osama Bin Laden colaboram para a disseminação de uma imagem preconceituosa sobre os muçulmanos e o Islã. Para ele, a imprensa enfoca o Islã apenas sob perspectivas negativas como atos de terrorismo, guerras no Oriente Médio e opressão à mulher. "É muito raro uma reportagem que aborde aspectos positivos como progressos e conquistas da ciência em países muçulmanos, mulheres muçulmanas que alcançam postos de destaque em suas sociedades e a proteção que a mulher recebe da Religião Islâmica."

Fatos Reais

Não são incomuns casos cotidianos de preconceito contra islâmicos. Ele conta que, em Curitiba, uma mulher sofreu assédio moral no Hospital Evangélico em que trabalhava por usar o véu. Outra mulher, na mesma cidade, foi chamada de "assassina" na rua por causa do atentado à escola do Rio de Janeiro que matou 12 crianças. Para Nasser, novamente a mídia estimulou a islamofobia ao relacionar Wellington Oliveira, responsável pelas mortes, com o Islã. "Sua vivência religiosa, na verdade, foi em uma linha protestante. Ele, inclusive, mantinha um perfil no Orkut em que divulgava trechos da Bíblia — especialmente do Velho Testamento. A carta que ele deixou citava o ritual judaico antigo de sepultamento e, também, várias vezes, Jesus. O texto não fazia uma menção sequer ao Islã e aos muçulmanos. Porém, editores e repórteres conduziram as matérias para fazer a opinião pública acreditar que Wellington era muçulmano."

Nasser Filho dá alguns exemplos de reportagens que poderiam incitar o preconceito contra o islamismo. Entre elas estão as coberturas do massacre na escola em Realengo (Rio de Janeiro), em abril deste ano pela revista VEJA, e a matéria especial com a manchete "A rede do terror no Brasil", da mesma revista, que afirmava a presença de líderes de grupos terroristas no Brasil. "Esses textos foram na verdade panfletos difamatórios contra a comunidade islâmica brasileira. Ela está claramente criando um clima de animosidade contra os muçulmanos no País."

O corpo de Bin Laden

Além do preconceito contra os muçulmanos, a cultura islâmica é vítima de deturpações e conceitos mal interpretados. Um dos exemplos é explicação dada pelo governo dos Estados Unidos por ter jogado o corpo de Bin Laden ao mar. De acordo com as autoridades americanas, ele teria sido envolto em um lençol branco e jogado ao Mar da Arábia, após cerimônia realizada a bordo do porta-aviões USS Carl-Vinson, obedecendo ao ritual exigido pela religião. Porém, o funeral não ocorreu de acordo com os rituais islâmicos, explica Amin Al-Karam, sheik da Mesquita de Florianópolis. "O ato foi incorreto em termos humanos. Nenhuma nação joga o falecido no mar, seja qual for o credo e religião". Para Al-Karam, independentemente do que qualquer homem faça, ele deve ser enterrado dignamente, o que não ocorreu com Bin Laden. A medida correta seria entregar o corpo à família para que fosse sepultado onde nasceu, ou até mesmo onde foi assassinado. O sheik relata que mesmo com a gravidade dos atos de Bin Laden, os direitos humanos deveriam ter sido garantidos.

A morte do terrorista não é unanimidade dentro da comunidade islâmica e gera opiniões divergentes. Segundo Khader Othman, membro do Comitê Catarinense de Solidariedade ao Povo Palestino, a morte do mentor dos atentados terroristas não teve grande repercussão na vida dos imigrantes e descendentes palestinos que vivem em Santa Catarina — cerca de 200 famílias em todo estado — uma vez que grupos fundamentalistas como a Al-Qaeda não têm influência na Palestina. Mesmo discordando da mistura entre religião e política e da violência utilizada por tais grupos, Othman diz que Bin Laden foi um grande

homem. "Por um lado, acredito que o fundamentalismo não tenha essa resposta para o bem estar. Acho que essa corrente não poderia resolver os desafios da vida, mas ele conseguiu derrotar o império soviético que invadiu o Afeganistão, e também o império norte-americano. Acho que isso o fez grande como pessoa."

Sobre as possíveis retaliações terroristas, Othman afirma não estar preocupado, mas diz que uma das consequências é a possível criação de uma política baseada no código de Hamurabi — na qual vale "olho por olho, dente por dente". "O que me chocou é que os Estados Unidos estão se orgulhando de terem matado um homem. E é isso que me dá medo, de que o assassinato seja legalizado."

Gabriella Bridi

gabriellabridi@gmail.com

Quem procura, acha

No dia 1º de maio o líder da Al-Qaeda foi surpreendido por uma equipe de inteligência norte-americana em uma casa na cidade de Abbottabad, no Paquistão, avaliada em US\$ 1 milhão. Junto ao terrorista estavam o filho Khalid e um mensageiro com sua esposa e filho — todos teriam sido mortos.

A operação teve início em agosto de 2010 quando a casa foi localizada e identificada como possível esconderijo de Bin Laden. Após um relatório com dados que comprovavam a presença do saudita no local, Barack Obama autorizou a invasão no dia 29 de abril de 2011, dois dias antes do ataque.

A notícia do assassinato do líder da Al-Qaeda repercutiu no mundo inteiro. O medo de retaliações fez com que o governo norte-americano alertasse seus cidadãos para adiar viagens e evitar aglomerações. Ainda assim, a população dos Estados Unidos saiu às ruas para comemorar a morte do terrorista.

LIBERDADE

Estudante de teatro, Renatha Lino e a repórter, Luanna Hedler, na atuação performática de Niqab pelo shopping Iguatemi



Gabriella Bridi

Olhar sem perspectiva

Muitas mulheres muçulmanas estão reivindicando o uso do véu, tanto no Oriente Médio quanto na Europa como uma afirmação de sua identidade religiosa e como um ato de resistência cultural. E foi a partir desses fatos que, Renatha Lino, 22, estudante de Teatro da UFSC, teve a ideia de expandir sua experiência performática, de passear vestida com um niqab, para um lugar público como o shopping center. "Sem gritos, sangue, nudismo ou cartazes. É andar e esperar a reação das pessoas". Assim, Renatha define sua atuação realizada pela primeira vez num shopping center, em Florianópolis, no início deste ano.

O véu, na verdade, foi introduzido pelo Islã, baseado nas escrituras do Alcorão, que estendeu a toda a comunidade uma vestimenta que tornasse os fiéis iguais perante Deus. Ou seja, o uso do véu não surgiu para designar submissão feminina, embora uma postura machista dificulte a liberdade e a expressão feminina.

Renatha quis levar reflexão às pessoas e avaliar suas reações quando criou essa performance. Até porque, em uma sociedade acostumada com a exploração do corpo e onde o sexo deixou de ser tabu, tentar chocar as pessoas cobrindo o corpo é inusitado.

Como repórter, fui apresentada a esse desafio e aceitei sem hesitar, mas só quando fiquei a par de toda a preparação necessária, percebi a seriedade do trabalho. Tive que remover o esmalte, usar sapato preto sem salto e amarrar o cabelo num coque baixo.

Então, chegávamos ao shopping, no domingo, 22 de maio, às 17h, para realizar a experiência. E vestimos o niqab, que é bem parecido com a burca, a única diferença é que com o niqab os olhos aparecem, já na burca há uma espécie de rede que cobre até a área dos olhos. Nossa roupa era composta por uma túnica preta e três tipos de véu. No momento em que me olhei no espelho, senti o peso daquela roupa e minha postura mudou.

Sem ignorar as diferenças culturais, já que vivemos em um cenário completamente diferente do Oriente Médio, o objetivo era criar um incômodo. E criamos. Não precisamos fazer de conta que éramos muçulmanas, ou que nossa língua não era o português, mas mesmo com a visão restrita, podia perceber todas as pessoas que nos olharam com pena, indignação, medo e até espanto. Nas crianças, em especial, as reações ficam mais visíveis já que não escondem a interrogação que surge em suas cabeças e apontam deliberadamente. Durante nossa caminhada de 40 minutos, evitávamos olhar nos olhos dos homens e conversávamos muito pouco. A respiração era dificultada pelo véu e o espírito de respeito, distância e submissão me abalaram. O mais estranho foi o momento de tirar o niqab e voltar a andar no shopping. Senti medo, um medo diferente, talvez de ser reconhecida.

Luanna Hedler

luanna.cristina@gmail.com



Guilherme Lopes Souza

Tensão pelo veto do véu na França

A mestrande Muna Haddad, de 28 anos, mudou-se para a França há oito anos. O véu que usa cobre apenas os cabelos, mas a muçulmana tem empatia pelas mulheres que usam a burca. "Para a nossa religião, as mulheres são como pérolas e, como toda pérola, devem ser protegidas. Usar o véu nos deixa mais confortável e melhora o bem-estar, evita que sejamos marcadas ou que recebamos olhares de homens", justifica.

Mesmo que veja diariamente mulheres sem véu pelas ruas, Muna confessa que ainda se sente um pouco incomodada com a situação. "Aqui as mulheres são muito expostas. Eles mostram tudo, usam-nas para vender produtos. No Islã somos respeitadas", diz a estudante que contra-argumenta: "a França se diz o país da liberdade, mas só o fato de proibir as muçulmanas de usarem o véu completo já é tirar a liberdade de escolha delas".

Aquele que for flagrado infringindo a lei está sujeito a uma advertência verbal, um pedido para descobrir o rosto, uma multa de 150 euros (aproximadamente R\$346) ou até um convite para um curso de cidadania francesa. Em caso de recusa, o policial pode levar o infrator à delegacia e tentar, novamente, persuadi-lo. Se a negociação durar mais de quatro horas, o procurador da República pode interferir, mas em nenhum momento os oficiais podem tirar o véu do indivíduo.

Reações

Em Paris, em frente à catedral de Notre-Dame, houve uma manifestação contra a nova lei no dia em que ela entrava em vigor. Policiais dispersaram o grupo e interpelaram duas mulheres que vestiam o véu completo e diversos simpatizantes. "As interações não foram feitas por causa dos véus, mas pelo desrespeito à declaração de manifestação", disse o comissário divisional da ordem pública, Alexis Marsan, ao jornal Le Monde.

No mesmo dia, uma mulher de 28 anos que vestia o véu integral recebeu uma advertência verbal na região do departamento de Yvelines, centro-norte da

ATITUDE

A odontóloga Fátima Husseina, que optou por usar véu desde os 20 anos, com sua mãe Raia Atalla em Florianópolis

França. De acordo com policiais, a abordagem, feita num centro comercial, não teve incidentes e a multa foi aplicada.

Polícia em desacordo

As diferentes atitudes da polícia francesa em relação aos infratores revelam um descontentamento com a nova lei. De acordo com o secretário geral do Sindicato UNSA de Polícia, Philippe Capon, "as novas medidas são complicadas para se fazer respeitar. Aplicar uma proibição total do véu islâmico nos bairros de grande concentração de muçulmanos é quase impossível". Frédéric Lagache, Secretário Geral do Sindicato Aliança da Polícia Nacional, afirma que a lei não será prioridade para nenhum de seus colegas: "os policiais tem missões importantes que concernem crimes e delitos. Não vamos gastar toda a nossa energia por uma simples contravenção".

Expulsão por insultos

Enquanto alguns adeptos do islamismo na França lutam para garantir seus direitos, outros compreendem o governo francês. Para Habib Ouled, responsável por uma das seis mesquitas ativas na cidade de Montpellier, na região de Languedoc-Roussillon, sul do país, não há muito o que fazer. "Estamos vivendo na França, que não é a nossa casa, e temos que respeitar as regras que eles nos impõem. Se estivessem no meu país, talvez eu impusesse as minhas regras também", diz o marroquino.

Para Abel, outro adepto do islã que preferiu não se identificar completamente, a criação da lei é puramente motivada por preconceito. "Estou na França desde antes do 11 de setembro. As mulheres usam o véu desde sempre, e ninguém nunca falou nada sobre isso. Sinto que a partir do atentado várias limitações vêm sendo impostas aos muçulmanos, e a proibição do véu integral é só mais uma delas", respondeu.

Murilo Bonfim

Correspondente da França

POLÊMICA

25 dias após os atentados de 11/09, foram registrados 1500 atos de violência contra muçulmanos

MULHER

"Desde 11/09 várias limitações são impostas aos muçulmanos, e a proibição do véu é só mais uma delas"

Impostos correspondem a 53% do preço da gasolina

Apesar da variação no valor dos combustíveis ser motivada principalmente pela entressafra da cana-de-açúcar, a maior parte do que é repassado ao consumidor final são tributos

O frentista Luciano Padilha, do posto BR na Avenida Madre Benvenuta já estava cansado de ouvir a mesma reclamação todos os dias: "o preço da gasolina nunca esteve tão alto!". E não há como retrucar, os consumidores têm razão. No mês de maio o valor da gasolina comum em postos de Florianópolis chegou a R\$ 3,08 por litro, um aumento de 6,7% em relação ao maior valor encontrado no início de abril, R\$ 2,89, segundo dados da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). A elevação em apenas um mês é maior que a estimativa de inflação anual, de 6,5%.

A variação de preço em centavos parece não ser muita, mas para consumidores como o consultor de empresas Ricardo Alves, que viaja todas as semanas de Florianópolis para Joinville, o acumulado faz diferença. "Encho o tanque do meu carro uma vez por semana. Antes do aumento gastava cerca de R\$ 100 por abastecimento, hoje, pago aproximadamente R\$ 110". Se considerar o montante no mês, o aumento no gasto de Ricardo foi de R\$ 40, e se o preço persistir durante um ano, ele deve pagar R\$ 520 a mais que no período anterior. Essa é a realidade de muitos brasileiros: de acordo com a ANP, 60% dos veículos de passeio no Brasil são abastecidos com gasolina.

O primeiro combustível a ter variação significativa de preço, porém, foi o álcool, que subiu 39,2% nos últimos 12 meses. Esse aumento se deve à entressafra da cana-de-açúcar, período entre as colheitas, quando diminui a oferta dessa matéria-prima e, por consequência, causa aumento no preço de produtos derivados, como é o caso do etanol e do açúcar. Em alguns postos de Florianópolis, o preço desse combustível

chegou a R\$ 2,80, o que fez com que a demanda pela gasolina crescesse. Como o álcool tem um menor rendimento, abastecer com ele só é vantajoso quando seu preço equivale a, no máximo, 70% do valor da gasolina.

Com relação ao aumento no valor da gasolina comum, as hipóteses são muitas. Cogita-se, por exemplo, a alta do preço internacional do barril de petróleo, que agora gira em torno de US\$ 100. Mas, de acordo com o ministro de Minas e Energia Edison Lobão, essa ideia é equivocada, pois há nove anos o combustível sai das refinarias e é repassado às distribuidoras com o mesmo preço. Apesar disso é importante começar a prestar atenção neste fato, pois estima-se que a Petrobras deve rever seu planejamento daqui a alguns meses e nesta revisão as chances da estatal elevar o preço da gasolina repassada às distribuidoras são altas. Por consequência, a probabilidade de novo aumento no preço do combustível ao consumidor final é ainda maior.

Deixando de lado as previsões, e voltando à situação atual, outra questão cogitada como o motivo da elevação no preço do combustível seria a alta procura originada pelo crescimento no preço do etanol. Mas o ministro da Fazenda, Guido Mantega, em declaração oficial, afirma que o maior impacto no aumento da gasolina vem da própria entressafra. A proposição se justifica, pois este tipo de combustível é composto por 75% de gasolina tipo A (pura) e 25% de álcool anidro.

Evaldo Gouvêa, um dos sócios dos postos Ipiranga da avenida Beira Mar Norte, da avenida Madre Benvenuta, e do posto Sulcar, no bairro Pantanal, concorda com o ministro e defende que o valor do

álcool anidro "é o único e exclusivo fator do aumento da gasolina. Antes ele era comprado por cerca de R\$ 0,80, mas chegou a quase R\$ 3,00". Gouvêa ainda acredita que a culpa dessa situação é do Estado. "O aumento se deve ao nosso governo ser totalmente desorganizado. Eles deixam aumentar o valor do etanol e depois tentam corrigir. A entressafra é previsível, ocorre quase todo ano. As medidas deveriam ser tomadas com antecedência."

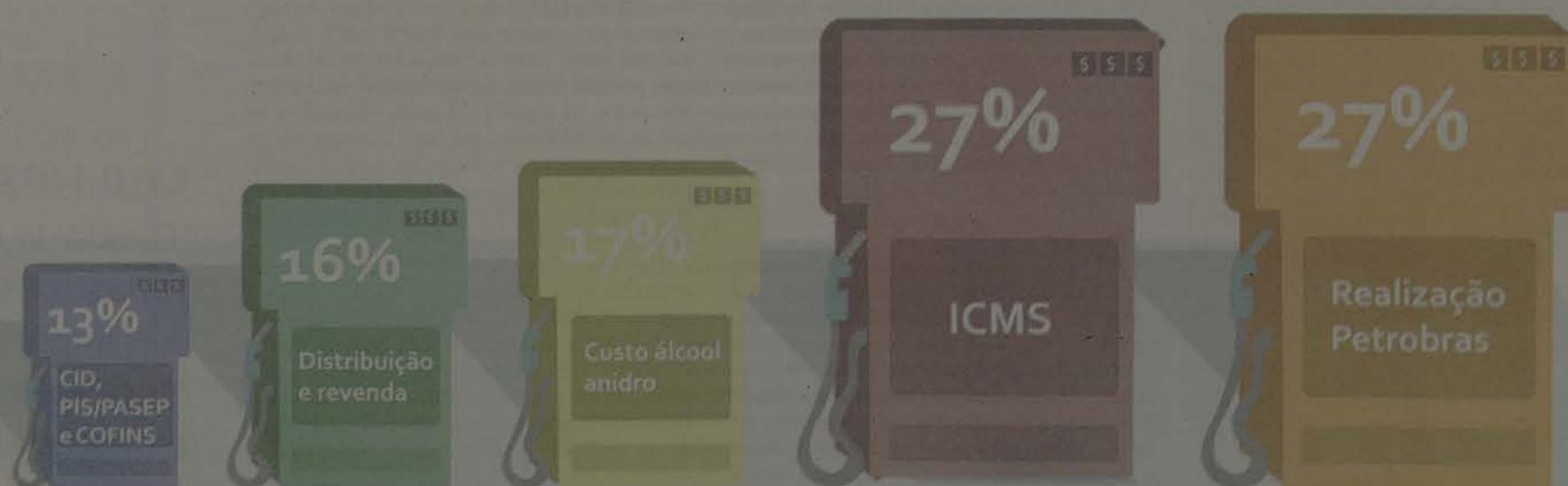
Impostos

Outro fator que também influencia no preço final do combustível são os impostos, em especial o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Na maior parte dos Estados, como é o caso de Santa Catarina, o cálculo do ICMS é baseado em um preço médio ponderado ao consumidor final (PMPF) e atualizado quinzenalmente pelos seus governos. Isso significa que com o valor da gasolina mais alto, a base de cálculo também fica maior, e o imposto aumenta.

Mas o ICMS é apenas um dos tributos que compõem o preço repassado ao consumidor. Do valor total, segundo a ANP, 27% vão para o ICMS, e 13% para o conjunto de Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide), Programa de Integração Social (PIS/Pasep) e a Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins). À Petrobras cabe 27% do valor final do combustível. De acordo com a conta realizada pelo Instituto Brasileiro de Planejamento Tributário (IBPT), essa porcentagem é ainda maior, atingindo 53,03% do preço repassado ao consumidor final. A diferença existe porque a enti-

Composição do preço ao consumidor final

O valor da gasolina que chega nas bombas dos postos é formado por diversos repasses. Confira as porcentagens divulgadas pela Agência Nacional do Petróleo



Infográfico: Mariana Chire

Fonte: Petrobras com dados da ANP e da CEPEA/USP - Baseada na média dos preços de gasolina ao consumidor das principais capitais. Período de referência: 08/05/2011 a 14/05/2011. Composição: 75% gasolina A e 25% álcool anidro

E Etanol
Comum
2,397

D Original
Aditivado
2,148

G Original
2,897

G Original
Aditivado
2,947



dade leva em conta outros impostos que não entram no cálculo da Petrobras, como tributos sobre lucro e folha de pagamento.

É justamente essa carga abusiva de impostos que faz com que o Brasil, que possui o vangloriado slogan de ser "auto-suficiente em Petróleo", tenha os maiores preços nas bombas. Na Argentina, por exemplo, país vizinho e que compra petróleo brasileiro, o litro da gasolina em dólares custa cerca de US\$ 0,84, enquanto no Brasil corresponde a US\$ 1,75.

Uma das tentativas de conscientização da população com relação à alta carga tributária é através do Dia Nacional do Respeito ao Contribuinte, também conhecido como Dia da Liberdade de Impostos. Segundo o IBPT, os brasileiros trabalham aproximadamente 145 dias por ano para pagar tributos cobrados pelos governos municipal, estadual e federal. Por isso, a data instituída oficialmente é 25 de maio, pois é o dia em que os brasileiros deixam de trabalhar para pagar tributos e passam a receber para si. Organizado por instituições como Centro de Desenvolvimento Lojista (CDL Jovem) e o Núcleo de Jovens Empresários, neste dia, em diversas cidades brasileiras, alguns postos venderam gasolina sem os impostos cobrados pelo governo. Em Santa Catarina, a ação aconteceu em estabelecimentos de Lages, Joinville, Blumenau e Florianópolis. Em cada posto a quantidade de gasolina disponível para este fim variou entre 2 mil e 3,6 mil litros, e o preço ficou entre R\$1,68 e R\$1,85. Por isso, cada consumidor pôde abastecer uma quantidade limitada de combustível por veículo.

Hoje, o mercado brasileiro da gasolina é regulamentado pela ANP e pela Lei Federal 9.478/97 (Lei do Petróleo), que flexibilizou o monopólio do setor petrolífero, até então exercido pela Petrobras, tornando aberto o mercado de combustíveis. A partir de então, desde janeiro de 2002 as importações de gasolina foram liberadas e o preço passou a ser definido pelo próprio mercado. E é disso que se utilizou o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão quando, no dia 11 de maio, anunciou que a BR Distribuidora, subsidiária

da Petrobras, iria reduzir os preços da gasolina e do etanol entre 6% e 10%, utilizando seus estoques. O objetivo seria fazer com que, pela lei da concorrência, outras empresas também baixassem seus preços, já que a BR possui mais de sete mil postos no país, e responde por aproximadamente 40% do mercado de derivados nacional.

Manifestação

A partir da mesma ideia de Lobão, o movimento chamado "na mesma moeda" começou em Goiânia, após o valor da gasolina chegar a R\$ 3,19 na cidade. O objetivo é forçar os postos a baixar o preço dos combustíveis, abastecendo apenas R\$ 0,50 e pedindo a nota fiscal sobre esse valor. A campanha, toda feita através da internet e de divulgação pessoal, mobilizou cerca de 200 pessoas na capital goiana durante a primeira manifestação. A ideia correu o país e chegou a Florianópolis. O primeiro ato na ilha ocorreu no dia 29 de abril, no posto do Angeloni da Avenida Beira Mar, abrangendo aproximadamente 60 pessoas.

Na ocasião, o gerente do posto foi informado sobre o protesto e reforçou o número de funcionários e seguranças no estabelecimento. Todos os motoristas chegam juntos ao posto, buzinando e, por vezes, com cartazes e nariz de palhaço, mas tudo ocorre de maneira ordenada e pacífica.

Os sócios-proprietários de três postos de gasolina, Evaldo Gouvêa e Joel Fernandes, concordam com a reivindicação, mas alegam que ela está sendo feita na parte mais fraca da cadeia. "Eles não sabem o que estão fazendo, falta conhecimento. Nós também queremos a mesma coisa. Queremos o preço baixo. Se o combustível chega a um preço baixo, nós vendemos barato." Fernandes afirma que este mercado é muito sensível, e qualquer elevação de R\$ 0,05 já é sentida nas vendas. "Com o aumento na gasolina, as vendas diminuem abruptamente de 20% a 30%. As pessoas passam a usar mais transporte coletivo, e quem tem dois carros usa apenas um", completa Gouvêa.

Independente do movimento "na mesma moeda"

estar correto ou não, e da redução do preço dos combustíveis da BR Distribuidora ter diminuído a pedido do governo, o Sindicato Nacional das Empresas Distribuidoras de Combustíveis e de Lubrificantes (Sindicom), afirma que o responsável pela atual queda dos preços foi somente o início da nova safra de cana-de-açúcar. O presidente do Sindicom, Alízio Vaz, em entrevista à Agência Brasil, disse ainda que "todos os revendedores já estão baixando os preços independentemente de qualquer manifestação governamental. E baixam, como todos os anos. É sempre assim: a safra da cana começa e os preços despencam, tanto da gasolina quanto do etanol".

Com o final da entressafra na metade de maio, o valor pago ao produtor de cana-de-açúcar já recuou 40% no total das sete semanas anteriores, mas a queda demora a ser repassada ao consumidor. Nos estabelecimentos comandados por Evaldo Gouvêa, e seu sócio Joel Fernandes, a gasolina já chegou a R\$ 3,07, e hoje (quando a matéria foi fechada) se encontra por R\$ 2,89, uma redução de 5,8%. Antes do aumento, o valor era de aproximadamente R\$ 2,69.

A justificativa, segundo Alízio Vaz, é que as distâncias de diferentes partes do país podem determinar a velocidade da queda do preço. "Em locais mais distantes (da refinaria) a queda pode ser mais demorada, uma vez que o produto demora mais para chegar. Mas é uma diferença de dias ou semanas", alega o presidente do Sindicom, entidade que responde por mais de 80% do volume de combustíveis e lubrificantes que chegam aos pontos de revenda.

Mesmo com impostos abusivos, o preço vai baixando novamente, "e a tendência é de que o valor da gasolina caia ainda mais", afirmam Gouvêa e Fernandes. Resta esperar para ver até onde eles devem chegar.

VARIAÇÃO

Na primeira queda significativa no posto de Evaldo Gouvêa a Joel Fernandes, o valor da gasolina comum passou de R\$3,07 para R\$2,89

O Pasquim chileno

Bar temático do *The Clinic* abre debates na noite de Santiago

Um lugar divertido, agitado, moderno. Ponto de encontro para tomar cerveja com amigos, discutir os assuntos que estão em alta na semana e rir de piadas contra o governo penduradas nas paredes. Esse é o bar *The Clinic*, situado no centro histórico de Santiago e que leva o nome do jornal que há 13 anos diverte os chilenos com seu refinado humor de esquerda.

Frases como “Você sabia que a direita chilena sofre de má memória e a esquerda de más recordações?” e “Você sabia que a direita ama o Chile, mas odeia a maioria dos que vivem nele?” decoram o ambiente junto a capas de edições passadas que satirizam governantes e celebridades nacionais e internacionais. Nem o presidente Sebastián Piñera, apelidado Don Tatán, escapa dos cáusticos gracejos do jornal, que pode ser comparado ao brasileiro *O Pasquim*, semanário carioca que fazia críticas em forma de piadas nas décadas de 70 e 80.

Os donos da casa temática são os sócios Andres Aris e Patricio Mora Canobra, que não têm nenhum vínculo com o jornal. Em maio de 2010 abriram o bar *The Clinic* para que o público-leitor tivesse onde se encontrar. A presença dos jornalistas da redação “firme junto ao povo”, como diz seu slogan, ajuda a atrair pessoas, que perguntam para os garçons onde estão as profissionais que escrevem o periódico. “Então eles apontam ‘esse ali é o editor-geral; aquele lá, repórter’. Muitas reuniões de pauta também acontecem por aqui”, conta Aris.

A proposta da casa é estar sempre atualizada com o que acontece no Chile. Por isso, o público-alvo é de 25 anos em diante, já que para compreender o sarcasmo das matérias – sempre em uma linguagem chilena tão regionalista que mal parece espanhol – é necessário ter um pouco mais de idade. De acordo com os sócios, o lugar não é muito divertido para quem não entende as brincadeiras. “Temos um público com opinião”, afirmam. Um fato curioso é

Navara D'Alama



que até mesmo os políticos dos quais o semanário fala mal frequentam o lugar. “Eles só precisam estar preparados para as brincadeiras, mas em geral, levam na esportiva”, assegura Canobra.

Apesar de serem de donos diferentes, o bar segue a mesma ideologia do jornal. Em dezembro de 2010, por exemplo, a casa não estava vendendo algumas marcas de cervejas. Isso ocorreu porque o Papa Bento XVI foi motivo de risadas na edição 371, de 25 de novembro do mesmo ano. A capa apresentava a mais alta autoridade da igreja católica fantasiada de camisinha, com a manchete “Penedicto XVI”. A piada levou algumas empresas a boicotarem o jornal, entre elas a CCU, uma das maiores empresas de bebidas alcoólicas do Chile. Como resposta, o bar

também boicotou a empresa, retirando suas bebidas do cardápio.

A existência do *The Clinic* – tanto bar quanto jornal – é uma evolução democrática para o povo que viveu até 1989 sob o duro comando do general Augusto Pinochet. Poucos sabem, mas na época da ditadura brasileira, Florianópolis também teve o seu próprio jornal de oposição.

Laryssa D'Alama
larydalama@gmail.com

UMA CURTA HISTÓRIA

O jornal manezinho durou pouco mais que um ano, período que divertiu seus leitores com matérias bombásticas

Afinal, aqui também

Em 1979 os jornalistas Sérgio Rubim, Nelson Rolim e Jurandir Camargo lançaram o *Afinal*, que incomodou bastante os governantes do período ditatorial brasileiro. A criação do jornal veio logo após sofrerem censura na redação do antigo *O Estado*, onde os três trabalhavam. A cobertura da Novembrada, quando o presidente militar Figueiredo visitou a capital catarinense, foi o estopim: “Riscaram nossos textos com caneta, nada pode ser publicado”, lembra Rubim.

Também conhecido como Canga, Rubim foi o primeiro a ser despedido. “Logo em seguida foi a vez do Nelson. Chamei-o para tomar uma cerveja e na conversa decidimos montar um jornal”, recorda. Rolim afirma que a convicção de que poderiam ajudar a democratização do país que o levou a aceitar o desafio. “Podíamos contribuir exercendo um jornalismo de denúncias, crítico e atrevido, recheado de bom humor e um tanto anárquico para não ser identificado com qualquer organização política. Queríamos demonstrar que nem todos que viviam por aqui se submetiam a cabresto ou às benesses do poder”, revela. Ambos foram à redação propor a Jurandir que se juntasse a eles. “Jurandir estava trabalhando nesta hora, terminando uma matéria. Ele juntou suas coisas e se demitiu, foi embora conosco”, conta Canga. E assim começou a história do *Afinal*.

A primeira edição foi impressa em maio de 1980. O periódico foi marcado pela liberdade que os jornalistas tinham em escrever suas matérias, com muitas críticas ao governo, manchetes sensacionalistas e até imagens sensuais. “Nossa orientação foi sempre publicar aquilo que a grande imprensa, por dependência ou censura, não podia publicar. Éramos uma espécie de alter ego da sociedade calada e oprimida”, explica Rolim. “Quem queria ler sobre aquilo que era proibido, tinha que ler o *Afinal*!”

A reunião de pauta era feita no bar Roma, às 10h da manhã. “Ficávamos bebendo e fazendo pauta, tomávamos vodka para esquentar as ideias”, narra

Canga, que se lembra até do hino que criaram: “Na retomada de César, vamos invadir o Roma, vamos beber pra caralho e depois cair em coma”.

“Tínhamos o apoio de um bispo de Chapecó e também das prefeituras de Lages, Blumenau e Joinville, ligadas ao MDB [Movimento Democrático Brasileiro], que compravam vários jornais para distribuir”, assegura Canga. A tiragem era de cinco mil exemplares. “O jornal não se mantinha com as vendas. Nessa época, demos calote em gráficas, roubamos fotolitos de *O Estado*, não tínhamos grana para mantê-lo”, diverte-se Canga.

A publicação, porém, teve uma vida curta. Seus donos foram processados por causa da matéria “A Suíça é um barato”, na qual acusavam Jorge Bornhausen, governador de Santa Catarina, de ter uma conta secreta no país europeu. Além do processo, uma briga entre os integrantes culminou o fim do *Afinal*. A última edição com participações de seus fundadores foi em dezembro de 1981. Depois, o jornal foi entregue a outros donos. Para escapar do processo judicial, Jurandir e Canga se mudaram para o Uruguai, onde viveram três anos.

Hoje, Rolim acredita que falta um jornal como esse aqui, mas o que falta mesmo “são jornalistas com peito de pôr a cara para bater”. Ele acredita que atualmente as pessoas dependem mais de um retorno financeiro do que naquela época. “Grande dose do sucesso do *Afinal* foi o total desprendimento em relação à grana, mas hoje está muito mais difícil de viver com pouco dinheiro.” L.D.



Canadense dá volta ao mundo sobre duas rodas

Na parada que fez em Florianópolis, Sean Jordan conta ao ZERO sobre sua aventura pilotando uma vespa por vinte países

VIAGEM

Ainda criança, o canadense Sean Jordan, 34, imaginava o dia em que sairia de casa em sua moto e pilotaria continuamente, sem dar meia-volta, até o outro lado do mundo. Como outros garotos de sua idade, chegava a ensaiar escapadas dos limites de Chatham, Ontário, cidade em que cresceu, sem nunca percorrer mais que dez quilômetros rumo ao desconhecido. Sean não era psicologicamente atormentado e nem tinha uma família problemática. Livre de traumas e crises existenciais, mas ávido por desafios, soube esperar o momento certo para re-avaliar o sonho de infância.

Aos 24 anos, deixou o Canadá para uma viagem de seis meses ao redor da Europa montado em uma motoneta Vespa PX vermelha. Em um breve ensaio do que seria sua mais ousada aventura, conheceu a faceta "fria, chuvosa, industrial e repulsiva" do continente e caiu de amores por Budapeste, capital húngara. Na cidade às margens do rio Danúbio, foi hospedado por um amigo e conseguiu emprego em uma empresa de desenvolvimento de softwares. Permaneceu na cidade durante nove anos, até que aos sinais de desestabilização econômica livrou-se das ações que tinha adquirido e mudou-se para o país vizinho, a Sérvia.

Da Sérvia para o mundo

Foi na capital Belgrado que Sean passou os oito meses anteriores à grande viagem e de onde partiu montado em uma Vespa P200E cor creme, mais potente que a anterior, capaz de alcançar incríveis 104km/h. No dia 18 de junho de 2010, publicou o primeiro post no blog vespa360.com, marcando o início da empreitada. Desde então percorreu os territórios de Croácia, Hungria, Romênia, Moldávia, Ucrânia, Rússia, Turquia, Geórgia, Armênia, Irã, Dubai, Índia, Tailândia, Camboja, Sumatra, Indonésia e Malásia, até pisar em solo brasileiro em 14 de março deste ano.

Utilizar uma Vespa como meio de locomoção em terras estrangeiras não foi mera excentricidade. O que Sean desejava era evitar a experiência típica de pacotes turísticos que mostram o mundo através de uma janela. "Eu não queria entrar em um tubo na Europa e sair do tubo na Ásia". Preferiu então passear de forma lenta e gradual, vivenciando as transformações nas transições entre os países. "É interessante quando você cruza uma fronteira como a da Armênia com o Irã e percebe que, na verdade, nada muda. A paisagem continua quase a mesma, e as diferenças aparecem aos poucos."

Estar sob duas rodas também permite maior

aproximação com as comunidades locais e instiga a curiosidade dos habitantes. A imersão no cotidiano iraniano, por exemplo, permitiu ao falante de língua inglesa comprovar a hospitalidade da população. "Acho que não fui cobrado por metade das vezes que abastecei a Vespa, só porque era estrangeiro. Eu tinha que insistir para pagar por combustível." Foi no Irã também que precisou despistar um motociclista que tentou iniciar uma conversa a 50km/h gritando dizes em inglês, como "How are you?" e "I love you!".

Na Índia, Sean foi reconhecido por um motorista como o "louco" que já havia percorrido 10.000 quilômetros em uma Vespa e que estampava as páginas do Hindustan Times, jornal da capital Nova Délhi. Apesar disso, o momento de fama do viajante foi curto no trânsito indiano. De celebridade, Sean passou a alvo de automóveis incontrolados. "Há uma hierarquia no tráfego do país. No topo da lista, com a prioridade, estão carros, caminhões, ônibus e vans. Abaixo deles estão pedestres e vacas. E, então, as motocicletas". Todos os dias, durante dois meses, o canadense enfrentou pelo menos um momento de grande tensão em meio aos veículos, quando achou que fosse morrer. "No quesito trânsito e qualidade de estradas, até o Brasil ganha da Índia!".

Na contramão

A chegada em terras tupiniquins, no entanto, foi traumática. A começar pela burocracia envolvida na liberação da motoneta pela alfândega no Rio de Janeiro. Antes de tudo, foi obrigado a providenciar um CPE, que levou uma semana para ficar pronto. Teve então que comparecer ao aeroporto cinco vezes para apresentação de documentos. "Eu esperava na fila do atendimento por horas, para então o funcionário me informar que faltava um documento". Foram quinze dias de espera, R\$ 1.300 pagos em taxas e, ao final, a constatação de novos arranhões e peças quebradas, danos causados pela empresa aérea Lufthansa.

Mas se é verdade que algo ruim sempre pode piorar, a estada no Rio de Janeiro não fugiu à regra. Na noite de Reveillon, sob efeito de algumas caipirinhas, Sean foi atropelado ao atravessar a rua e quando acordou do desmaio, além de um braço quebrado, percebeu a falta de todos os pertences, inclusive da máquina fotográfica. Comprou outra por um preço "absurdo". "Paguei quase mil reais por uma máquina fotográfica nova, que sairia por uma pechincha na Europa". No fim, da cidade maravilhosa, o canadense conheceu mesmo apenas o lado sombrio. "Se você acha que eu fiquei decepcionado com o Rio, acertou. É o

lugar menos confiável de todos que visitei, com pessoas interessadas em tirar vantagem do dinheiro de estrangeiros".

Sean não esquece, porém, dos "anjos" do Confraria Rio Vespa Clube, que o hospedaram e o ajudaram a resolver os imprevistos. Foi também através do clube que Sean arranhou um sofá para dormir em Santa Catarina. Na capital do Estado, onde esteve nos últimos dias

de abril, foi recebido pelo único membro local da Confraria Florianópolis Vespa Clube e teve momentos de tranquilidade e preguiça. "Estou sendo um mal turista aqui. Só conheci as redondezas do Itacorubi e a Lagoa da Conceição", admitiu enquanto almoçava comida japonesa num shopping da cidade e conversava com a reportagem do Zero. De barba feita, o viajante parecia menos com um estrangeiro do que com um morador da Ilha e se mostrou surpreso com o aspecto europeu da região. "Vocês não se sentem desconectados do restante do Brasil?", indagou à repórter. "Pois eu sinto que estou em outro país". No dia seguinte à entrevista, Sean partiu para o Rio Grande do Sul.

Até o fechamento desta edição, Sean já havia visitado Uruguai e Argentina, rodado 27 mil quilômetros e utilizado 1400 litros de combustível. Se tudo sair como planejado, pilotará rumo ao norte, pela Rodovia Panamericana, até chegar ao Canadá. Em seguida, embarcará para Portugal, de onde seguirá, finalmente, até a Sérvia, completando assim a volta ao mundo. Apesar de todos os sufocos, mesmo tendo enfrentado estradas mal capeadas, problemas técnicos com a Vespa, o trânsito insano da Índia e a burocracia brasileira, ele acredita que o desafio está valendo a pena. "Não acho necessário encontrar explicações para minha motivação em viajar." Para ele, realizar o sonho de garoto foi a decisão mais certa que já tomou na vida.

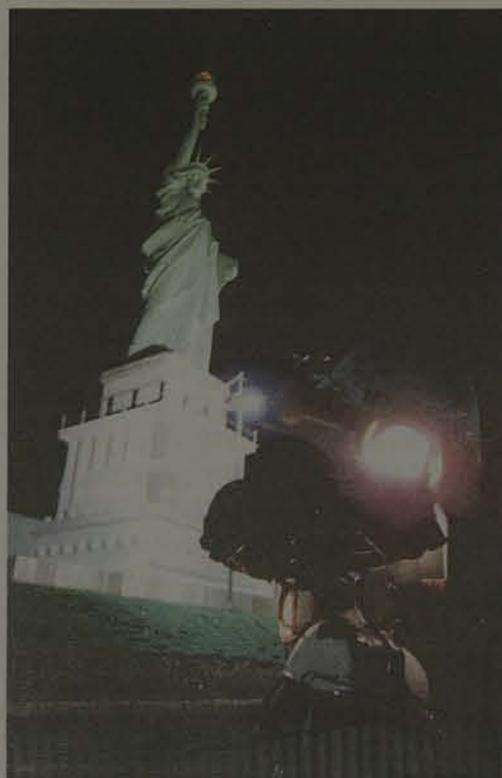
Isis Martins Dassow
isismd@gmail.com

Fotos: Arquivo pessoal



Brasil

"O Rio é o lugar menos confiável de todos que visitei, com pessoas interessadas em tirar vantagem do dinheiro de estrangeiros".



DIVERSIDADE

Estar sobre duas rodas aproxima o viajante dos lugares por onde passa.



Construir ginásios não basta

Falta de organização tira Mundial de Handebol de Santa Catarina e mostra incapacidade do estado em sediar grandes eventos

Não é só nas doze cidades-sede da Copa do Mundo de 2014 que o peso da falta de infraestrutura se faz sentir. Santa Catarina, por exemplo, principal cotada para receber o Mundial de Handebol em dezembro deste ano, perdeu o direito de sediar o evento. Segundo a Confederação Brasileira de Handebol, a competição movimentaria R\$ 125 milhões e traria retorno de mais R\$ 21 milhões em impostos como ICMS e ISS.

A princípio, seis municípios catarinenses – São José, Blumenau, Brusque, Itajaí, Jaraguá do Sul e Balneário Camboriú – foram os escolhidos pela Federação Internacional de Handebol (IHF), que avaliou em fevereiro quesitos como tamanho dos ginásios, capacidade de estacionamento, número de vestiários e banheiros, entre outras exigências. A resposta foi positiva, mas a confirmação só viria se as cidades conseguissem adequar suas estruturas às regras internacionais do esporte.

necessárias de adequações e montagem das arenas provisórias”.

O presidente da Fundação Catarinense de Esporte (Fesporte), Adalir Pecos Borsatti, diz que o Estado teve dois anos para se organizar e prever uma inclusão do campeonato no seu orçamento, mas faltou competência dos órgãos públicos e cobrança por parte da Confederação Brasileira de Handebol. “Não foi feito nenhum pedido para o Ministério do Esporte, nem para os deputados, que poderiam abrir uma emenda”. Ele diz, ainda, que o Mundial de Handebol foi orçado em R\$ 9 milhões. Destes, R\$ 2,5 milhões seriam viabilizados pela Secretaria de Estado, Cultura e Esporte e R\$ 1 milhão repassado pela Confederação Brasileira de Handebol. Para o restante, não se tinha uma fonte. “A situação piorou quando, na vistoria que a IHF fez em fevereiro, novas necessidades foram apontadas, como 40 ônibus e 40 carros executivos para atender às delegações e piso flutuante na quadra. Com isso, o orçamento subiu para R\$ 19 milhões”.

O fato traz à tona a discussão sobre a deficiência de nossas instalações voltadas ao esporte. Durante o Mundial em Santa Catarina, as regras internacionais do Handebol seriam flexibilizadas. Se não fossem, a Arena Multiuso de São José, uma das cotadas pela IHF, teria que ampliar sua quadra dos atuais 36 x 18m para 40 x 20m; a arquibancada deveria ter 8 mil cadeiras, e não 4,6 mil como tem hoje; e os vestiários teriam que ser quatro, e não dois.

Segundo Borsatti, as arenas do Estado

foi interrompida em outubro do ano passado porque a Caixa Econômica Federal parou de repassar os recursos, alegando que o valor final do projeto ultrapassou o acordado no edital de financiamento.

No momento, a Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte (SOL) está realizando um estudo em conjunto com a Secretaria de Desenvolvimento Regional da Grande Florianópolis, o Sapiens Parque e a comunidade, para que possam elaborar um novo projeto que atenda, segundo a SOL, os interesses públicos.

A proposta inicial para o espaço, defendida pela Associação Comercial e Industrial de Florianópolis (Acif), previa uma área voltada para eventos e lazer. Porém, segundo Gilberto Vaz, diretor de projetos e eventos da Fundação Municipal do Esporte e especialista em projetos de arenas multiuso, uma arena só se sustenta se receber de 200 a 250 eventos por ano, incluindo mega feiras e shows. “Essa quantidade seria dificilmente atingida em Florianópolis. Isso, somado à falta de um ginásio na cidade, fizeram com que a estrutura para esportes fosse colocada no projeto”, explica Vaz. O presidente da Fesporte, Adalir Pecos Borsatti, afirma que o local deveria receber no mínimo os quatro jogos de salão – basquete, futsal, handebol e vôlei – mas, também, ginástica, judô, tênis, entre outras modalidades.

Apesar da boa intenção, Gilberto Vaz diz que a arena do Norte da Ilha mantém o mesmo problema das demais: não está adequada às regras oficiais. “Foi tudo feito sem um parecer técnico. Tinham que chamar uma comissão de esporte e cultura para apresentar mudanças”, reclama. No final do ano passado, ele apresentou um relatório aos Governos Municipal e Estadual apontando todas as falhas encontradas no projeto. Para sediar jogos mundiais, a capacidade deve ser para 8 mil pessoas sentadas. No papel, estavam previstos 7 mil lugares, mas, na prática, as fundações foram construídas para pouco mais de 5 mil visitantes. Além disso, não possui vestiário para árbitros e têm dois vestiários a menos do que o exigido para os jogadores.

Outro problema é a falta de um sistema para reutilização da água da chuva e para geração de energia pela luz solar. A transmissão dos jogos pela televisão ficaria prejudicada por causa da iluminação de 800 lux, quando deveria ser de 1.400 lux. Por fim, não há tratamento acústico, nem climatização. Apesar das falhas, Gilberto diz que a estrutura é boa para a realidade local, e que ainda é possível ajustá-la.

Mesmo com os entraves políticos, as discussões entre os interessados e os problemas no projeto, o otimista Borsatti tinha a esperança que o local ficasse pronto até dezembro, quando seria capaz de receber o Mundial de Handebol. Nas atuais circunstâncias, a obra não precisa mais ter tanta pressa.

Rodolfo Conceição



ATRASOS DEMAIS
Com entrega prevista para 2009, Arena Multiuso de Florianópolis começou a ser construída só em 2011

As mudanças, principalmente de climatização, precisariam ser concluídas até 25 de novembro. Em São José, Blumenau e Itajaí, as alterações seriam maiores, já que existem apenas espaços livres nas arenas, onde teriam que ser construídas as quadras. Entretanto, até o fim de maio não havia previsão de onde viria o recurso para bancar as obras. “Esperávamos que a verba viesse do Governo do Estado, mas ainda estávamos conversando, não havia nenhum comprometimento”, conta o diretor de Marketing da Confederação Brasileira de Handebol, Fabiano Redondo.

O resultado da demora é previsível. Em nota divulgada em 22 de maio, o presidente da Comissão de Organização de Competições da Federação Internacional, Leon Kalin, anunciou que São Paulo será a sede do evento: “Tivemos que retirar o Mundial do Estado de Santa Catarina, pois não foram dadas as garantias

não são compatíveis às regras internacionais porque são mais antigas. “Há 15 anos não tinha esse rigor. O que estamos cuidando é para que as novas atendam a essas exigências todas”. Ele pretende formar um grupo de profissionais ligados ao esporte para viajar e conhecer as instalações no exterior, e fazer um modelo de plantas para distribuir por Santa Catarina. “Estamos pensando no futuro, em 2030”, completa.

Investimento na Capital

Uma obra que se arrasta desde 2009 promete diminuir o déficit de Florianópolis na questão estrutural. Prevista para ser inaugurada em maio, mas longe de estar pronta, a arena multiuso de Canasvieiras começou a ser construída em um terreno cedido pelo Sapiens Parque ao Governo do Estado. Após muitas discussões acerca de sua utilidade, a obra



Jogar sempre para vencer

Atletas superam conceito de inclusão e focam competição de alto nível

Há 13 anos o tênis em cadeira de rodas é uma realidade na Universidade Federal de Santa Catarina. A equipe *Tênis para Cadeirantes* surgiu em 1998, através do Núcleo de Estudos em Tênis de Campo – Netec, em parceria com o projeto *Sábado no Campus*. Todos os sábados, pela manhã, é possível ao usuário de cadeira de rodas praticar diversas modalidades adaptadas. Com foco na diversão e na eliminação do sedentarismo, o *Sábado no Campus* é uma opção atrativa, mas não promissora no mundo do esporte competitivo. No tênis, essa visão mudou ano passado, quando um dos fundadores do Netec, Ricardo Pimentel – ou Pimenta, como é conhecido –, foi convidado a assumir o *Tênis para Cadeirantes*.

Diretor técnico da Federação Catarinense de Tênis – FCT – e com ampla experiência em treinamento de jogadores competitivos, Pimentel nunca havia dado aulas para cadeirantes. “Entendo de tênis, mas não sei nada sobre cadeira de rodas. Essa parte vocês vão ter que me ensinar”, conta numa das primeiras conversas que teve com os oito alunos. A aula semanal foi multiplicada para treinos diários, de segunda a sexta. Os atletas foram motivados com as novidades trazidas por Ricardo e pelo espírito da competitividade que poderiam assumir. “O *Sábado no Campus* é uma oportunidade de praticar o esporte. O que eu queria era treinar, com foco em competições”. Como preparação pessoal, ele pesquisou sobre o esporte adaptado e chegou a ir para campeonatos da modalidade acompanhar o estilo e a técnica da cadeira de rodas. Chegou à conclusão de que o tênis não muda, seja em pé ou sentado. “Mas quando comecei nas aulas, vi que eles não tinham técnica, afinal jogavam só uma vez por semana. Até a empunhadura da raquete, por exemplo, precisa ser correta para o saque ser potente, ainda mais quando se está em altura baixa, na cadeira de rodas. Hoje o estilo de jogo é outro, está afiado”.

Com a exceção de dois atletas, a equipe nunca tinha participado de nenhum torneio. Até o momento, o técnico já os levou para sete nacionais e internacionais. “É importante para que eles possam se desenvolver como atletas, perceber a realidade de outros lugares e jogadores. Ter uma meta a alcançar, como uma determinada posição no ranking, motiva qualquer um”, afirma Pimentel, que no início do ano decidiu organizar o primeiro torneio internacional da modalidade em Santa Catarina. O *Floripa Wheelchair Tennis Open* aconteceu entre os dias 10 e 13 de março, e recebeu 16 tenistas disputando partidas individuais e em duplas, que deram pontuações no rank-

ing da Federação Internacional de Tênis e premiações em dinheiro. Foram 14 brasileiros, um argentino e um uruguaio. Contou ainda com a presença de Carlos “Jordan” Santos, número 1 do Brasil e 23 do mundo. Além de idealizar e planejar o campeonato, os investimentos iniciais foram feitos com o próprio capital de Pimentel, antes de receber a resposta dos patrocinadores, que ele também teve que correr atrás. “O *Floripa Open* representou o primeiro passo para um desenvolvimento maior em todo o estado, aumentando o número de participantes na modalidade. Mostrou também que podemos realizar etapas oficiais aqui e trazer jogadores de alto nível”.

Atletas antes de tudo

Jocelio de Assis, 47, é o único atleta presente desde o início do projeto. Cadeirante desde criança, começou no esporte aos 13 anos, com basquete e atletismo. Segundo Assis, a chegada de Pimenta foi essencial para o alto rendimento do grupo. “Foi um grande incentivo. Houve uma diferença do jogar de antes para o treinar de agora”, elogia, mas lamenta o baixo número de jogadores da equipe, oito, e atribui isso às dificuldades que os cadeirantes enfrentam para poder transportar-se. Rixas políticas entre as associações de deficientes também prejudicam a vinda de novos alunos, uma vez que essas entidades não querem abrir mão da verba que recebem por treinarem cadeirantes para outros esportes, de modo que não permitem a um atleta jogar em mais de uma equipe ao mesmo tempo.

Apresentado ao tênis pelo amigo Jocelio, Charles Teixeira, 35, há cinco anos sofreu um acidente de moto que resultou na amputação de parte da perna direita. Um ano após a colisão, começou a praticar basquete, depois vela, atletismo, tênis de mesa, remo e handebol. Joga tênis há três anos, mas somente após a entrada de Pimentel no comando da equipe que Teixeira profissionalizou-se no esporte. “O Ricardo Pimentel foi quem realmente tornou tudo possível”, afirma. Hoje Teixeira é o atleta número 10 do Brasil e 200 do mundo. Independente da limitação, ele diz que a competição entre os atletas do esporte adaptado é muito maior que no convencional. “O basquete, como esporte coletivo, é muito difícil para um cadeirante. No coletivo, os próprios parceiros de time tornam-se competidores, há competição dentro da própria equipe”, desaprova Charles.

“Generalizando, o deficiente não aproveita as oportunidades que tem”, ressalta Charles. “Ele sempre quer algo

em troca, até parece esmola. Se alguém oferece para um deficiente uma chance de treinar algum esporte, ou algo do tipo, ele aceita, mas só com uma ajuda de custo, por exemplo”. Segundo Teixeira, os políticos confundem esporte com inclusão social, mas essa não é a palavra certa. “Na verdade, é exclusão. O deficiente não quer inclusão, ele não quer é ser excluído. Como eu, ele quer calçadas e transporte. Fora isso não sou diferente de ninguém”, garante o atleta.

Em 2008, quando participava do projeto *Sábado no Campus*, Charles e o colega de equipe Ymanitu Silva resolveram bancar a própria viagem para competir em um campeonato em São Paulo. “A surpresa foi que me sai bem, fui destaque e nunca tinha jogado em um campeonato antes”, conta Charles, que tem como meta ficar entre os oito melhores atletas adaptados do país e entre os 100 do mundo. Para isso, conta com treinamentos intensivos, mesmo que a UFSC não esteja disponível a todo momento. “O treino nem sempre acontece, a equipe depende de horários e locais. Se chover tudo é cancelado, não temos quadra coberta”, critica Ricardo Pimentel. Apesar dos treinos acontecerem na universidade, a UFSC não destina nenhum recurso para a equipe. Como não poderia enquadrar a atividade como projeto de extensão, todo o patrocínio veio da Federação Catarinense de Tênis, e só assim foi possível aos atletas material de nível de competição, como raquetes e cadeiras apropriadas.

Para qualquer atleta, a conquista é seu principal objetivo. A derrota causa frustração ao esportista ou à equipe. No mundo do esporte adaptado tudo também envolve dedicação e orgulho. De mesma condição física, os atletas não são livres de críticas, principalmente entre eles mesmos.

TREINAR, TREINAR E TREINAR...

Base da equipe de tenistas sobre rodas da UFSC é a prática diária

Fotos: Ágatha Morigi



DENTRO E FORA DE QUADRA

Cadeirantes passam pela mesma pressão de um atleta de alto rendimento

Ágatha Morigi
agathamorigi@gmail.com

A beleza esconde um crime

Textos e fotos: Dirk Rubland



O lago localizado atrás do Hospital Universitário, apesar de inicialmente artificial, hoje é interligado ao mangue do Itacorubi, portanto é parte daquele bioma. Por ali passam peixes, cágados e até jacarés.



No entanto, recebe diariamente esgoto sanitário e resíduos de cozinha. De tempos em tempos, a concentração de esgoto propicia a infestação de "aguapés". Os aguapés sugam da água o pouco oxigênio que sobra, necessário à sobrevivência dos animais. Daí a mortandade desses seres-vivos.

Ocasionalmente, um funcionário de empresa terceirizada é escalado para fazer a retirada dos peixes mortos e das plantas. Esta "medida" repete-se várias vezes ao ano. O problema perdura sem solução, pois nenhum dos setores da UFSC afetos ao caso assume a responsabilidade de resolver a questão. Uma bomba para aeração do lago, exigida pela vigilância sanitária municipal, está desativada.



Uma universidade que produz conhecimento, que oferece cursos de biologia, zootecnia, engenharia sanitária e ambiental e possui uma coordenadoria de gestão ambiental tem projetos para solucionar esta situação?